

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

MÔNICA FREDERIGUE DE CASTRO HUANG

**Estudo comparativo do *coping* religioso
em mulheres protestantes
de origem chinesa taiwanesa e brasileira,
na Grande São Paulo - mediante a Escala CRE-Breve**

São Paulo

2014

MÔNICA FREDERIGUE DE CASTRO HUANG

**Estudo comparativo do *coping* religioso em mulheres
protestantes de origem chinesa taiwanesa e brasileira, na Grande
São Paulo - mediante a Escala CRE-Breve**

(versão corrigida)

Trabalho apresentado ao
Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, como
parte dos requisitos para
obtenção do grau de Mestre em
Psicologia.

Área de concentração:

Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Welligton
Zangari

São Paulo

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Huang, Mônica Frederigue de Castro.

Estudo comparativo do *coping* religioso em mulheres protestantes de origem chinesa taiwanesa e brasileira, na Grande São Paulo [mediante CRE-Breve] / Mônica Frederigue de Castro Huang; orientador Welligton Zangari. -- São Paulo, 2014.

106 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia da Religião 2. *Coping* 3. Aculturação 4. Chinesas Taiwanesas 5. Psicologia Intercultural I. Título.

BL53

Nome: Mônica Frederigue de Castro Huang

Título: Estudo comparativo do *coping* religioso em mulheres protestantes de origem chinesa taiwanesa e brasileira, na Grande São Paulo -mediante a Escala CRE-Breve

Trabalho apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Ao meu amor, Hsiung, que é a prova viva que as diferenças, muitas delas apontadas durante a pesquisa, podem ser mais uma forma de se completar, e por todo apoio no meu desejo de estudar. Amo você.

E as minhas três pedras preciosas, Andrew, Nathan e Caleb que longe ou perto sempre acompanham o meu percurso e até me “mandavam” estudar. Cá, fazer a tabulação dos dados junto com você fez os números sorrirem pra mim.

Aos meus pais, os primeiros que acreditaram em mim. Lembro-me da tua pergunta, pai: “Aonde é a melhor faculdade de teologia hoje?” “Ah, é em São Paulo... então é pra lá que eu vou apoiar você a ir”. E o suporte e “orelha quente”, nas longas conversas e confabulações e leituras, mãe.

Amigos que entraram na minha vida e não sei se um dia vou conseguir retribuir a amizade a altura, tamanha a preciosidade do incentivo, suporte emocional e prático, como Cláudia, Erika Nakano, Elise, Camila. A tia Adriana, quantas horas te atrapalhei nos teus afazeres? Ah, sim incontáveis!

A Amá que é a mais importante entre as mulheres taiwanesas que tenho o desejo de honrar com este trabalho. Obrigada pelo apoio!

Ao pessoal da Morada Shalom que em certos momentos não podiam nem conversar comigo e ainda me davam força para seguir em frente.

A Professora Sylvia que abriu a porta do caminho dos estudos através do grupo Psicologia Intercultural e me indicou o caminho para a Psicologia da Religião.

Ao Professor Geraldo José de Paiva que além de exemplo, me conquistou para a área da Psicologia da Religião.

E não menos importante, sou grata ao meu Professor Orientador Wellington Zangari, que com certeza teve paciência como a de Jó, comigo. Mesmo com tamanha competência metodológica que é o maior modelo para mim, da busca da verdade com primor.

Ao grupo de estudos de Psicologia da Religião, cada um de vocês acrescentou algo mais neste caminho de construção do conhecimento, para se chegar até aqui.

E a Ele que colocou todos vocês como participantes e colaboradores na minha vida. “Pois dEle, por Ele, e para Ele são todas as coisas” (Romanos 11.36)

Soli Deo Gloria!

RESUMO

O objetivo deste estudo é o investigar a presença de diferenças significantes da variável cultural na modalidade do *coping* religioso em mulheres, acima de 25 (vinte e cinco) anos, residentes na Grande São Paulo, no contexto religioso de igrejas protestantes históricas, 64 de origem cultural chinesa taiwanesa e 52 de origem cultural brasileira. Administrado o Questionário Geral e Escala de Aculturação nas mulheres de origem chinesa taiwanesa, obteve-se como resultado que 32% foram classificadas como "pouco aculturadas" e 40% como "medianamente aculturadas". As brasileiras responderam o Questionário Geral e ambos os grupos responderam a Escala *Coping* Religioso Espiritual-Breve (CRE- Breve). Os resultados mostraram uso maior da modalidade de *coping* Positivos em ambos os grupos, porém com diferença significativamente maiores na amostra de origem brasileira nos seguintes fatores: transformação de si/vida; busca de ajuda espiritual; posição positiva frente a Deus; e busca do outro institucional. Os resultados também apresentaram, diferença estatisticamente significativa no Fator Negativo de *coping* quanto à reavaliação negativa do significado no grupo de mulheres brasileiras. Ao analisar individualmente as questões da Escala CRE- Breve, foram encontradas diferenças significativamente maiores nas mulheres chinesas taiwanesas nas questões: Questionei se Deus realmente se importava; Tentei lidar com a situação do meu jeito; Culpei Deus por ter deixado acontecer; Tentei lidar com meus sentimentos sem pedir ajuda de Deus; e Entreguei a situação para Deus, depois de fazer tudo que podia. As considerações finais levantam as possíveis interpretações das diferenças apresentadas, como demonstração do componente cultural chinês e do componente cultural brasileiro no *coping* religioso das mulheres participantes da amostra.

Palavras chaves: Psicologia da Religião; Enfrentamento (*coping*) Religioso e Espiritual; Aculturação; Chinesas taiwanesas, Psicologia Intercultural.

ABSTRACT

The objective of this study is to investigate the presence of significant differences in the cultural variable in the ways of religious coping in women over 25 (twenty five) years, residing in Greater São Paulo, in the religious context of Protestant churches, 64 women of Taiwanese Chinese cultural origin and 52 of Brazilians cultural origin. To the women of Taiwanese Chinese origin were administered General Questionnaire and the Brief Acculturation Scale for Hispanic (SASH), the obtained result was that 32% were classified as "low acculturated" and 40% as "moderately acculturated." The Brazilian women replied the General Questionnaire and both groups responded to the Spiritual Religious Coping Scale-Brief. The results showed higher use of Positive Factors *coping* in both groups, but with significantly greater differences in the sample of Brazilian origin in the following factors: transformation of the self/life, seeking spiritual aid; positive position before God, and search of another institutional. Similarly, statistically significant difference was found in the Negative Factor as the negative reevaluation of the significance in the group of Brazilian women. When analyzing individually each question of Religious Coping Scale, significantly greater differences were found in Taiwanese Chinese women in the matters: I questioned if God really cared, I tried to handle it my way, I blamed God for letting it happen, I tried to deal with my feelings without asking for help from God, and handed the situation to God, after doing all I could. The final considerations raise the possible interpretations of the differences presented as a demonstration of Chinese cultural component in religious coping of women participants in the sample.

Key words: Psychology of Religion; Religious and Spiritual Coping; Acculturation; Taiwanese Chinese Women; Cross-Cultural Psychology.

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CREP.....	43
Tabela 2. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CREN	43
Tabela 3. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CREN INV	44
Tabela 4. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CRE TOTAL	44
Tabela 5. Acima ou Abaixo da Média de Idade * RAZÃO N/P	45
Tabela 6. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CREP.....	45
Tabela 7. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CREN	46
Tabela 8. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CREN INV	46
Tabela 9. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CRE TOTAL	47
Tabela 10. Acima ou Abaixo da Média de Idade * RAZAO N/P.....	47
Tabela 11. Descriptive Statistics	48
Tabela 12. Total Escala	48
Tabela 13. Religião antes de imigrar	49
Tabela 14. Como Grupo Chinês Taiwanês Conheceu o Cristianismo	49
Tabela 15. Idioma usado para leitura da Bíblia	50
Tabela 16. Idioma usado para a oração	50
Tabela 17. Idioma preferido para ouvir mensagens bíblicas	50
Tabela 18. Como o Grupo Brasileiro conheceu o cristianismo	51
Tabela 19. Distribuição da idade dentre as chinesas e brasileiras	51
Tabela 20. Chi-Square Tests – Aculturação	52
Tabela 21. Distribuição da Idade de Adesão ao Cristianismo em Chinesas e brasileiras...	52

Tabela 22. Chi-Square Tests – Idade de Adesão ao Cristianismo	52
Tabela 23. Distribuição da Idade Quando Imigraram para o Brasil	53
Tabela 24. Índices de <i>Coping</i> Religioso entre Chinesas e Brasileiras	53
Tabela 25. Independent Samples Test - <i>Coping</i> Religioso entre Chinesas e Brasileiras...	54
Tabela 26. Índices de <i>Coping</i> Religioso Positivo	54
Tabela 27. Independent Sample Test - Índices de <i>Coping</i> Religioso Positivo	55
Tabela 28. Fatores Negativos de <i>Coping</i> Religioso por Grupo	55
Tabela 29. Independent Sample Test-Fatores Negativos de <i>Coping</i> Religioso por Grupo..	56
Tabela 30. Cristianismo Faixas * CREP	57
Tabela 31. Cristianismo Faixas * CREN	57
Tabela 32. Cristianismo Faixas * CRE TOTAL	58
Tabela 33. Cristianismo Faixas * RAZAO N/P	58
Tabela 34. Cristianismo Faixas * CREP	59
Tabela 35. Cristianismo Faixas * CREN	59
Tabela 36. Cristianismo Faixas * CREN INV	60
Tabela 37. Cristianismo Faixas * CRE TOTAL	60
Tabela 38. Cristianismo Faixas * RAZAO N/P	61
Tabela 39. Cristianismo Faixas * CREP	61
Tabela 40. Cristianismo Faixas * CREN	62
Tabela 41. Cristianismo Faixas * CREN INV	62
Tabela 42. Cristianismo Faixas * CRE TOTAL	63
Tabela 43. Cristianismo Faixas * RAZAO N/P	63
Tabela 44. Group Statistics	64
Tabela 45. Independent Samples Test - Group Statistics	68

SUMÁRIO

I.Introdução Teórica

1.Psicologia da Religião.....	-
2. <i>Coping</i>	12
3. <i>Coping</i> e Religião.....	18
4.Cultura e <i>Coping</i>	21
4.1. <i>Self</i>	23
4.2. Emoções.....	25
4.3. Motivação para Realizações.....	26
5.Imigração e suas implicações.....	27
5.1.Imigração dos chineses taiwaneses e algumas peculiaridades	30

II.Estrutura da Pesquisa

1.Objetivos.....	35
1.1.Objetivo Geral.....	35
1.2.Objetivos específicos.....	35
2.Justificativa.....	36
3.Hipótese.....	39
4.Método.....	39
4.1.Amostra.....	39
4.2.Instrumentos.....	40
4.3.Procedimento.....	41
4.4.Tratamento Estatístico.....	42
5.Discussão dos resultados.....	73
6.Considerações finais.....	79
7.Referência bibliográfica.....	81
Anexo I	88
Anexo II	90
Anexo III	100

I. INTRODUÇÃO TEÓRICA

1. Psicologia da Religião

O interesse em temas relacionados com a religião/espiritualidade está | vários estudos realizados por teóricos da psicologia desde seu início. Wilhem Wundt, por exemplo, influenciou na formação da Escola de Psicologia da Religião de Dorpat, na Europa, em 1879, com sua metodologia experimental aplicada à experiência religiosa; Sigmund Freud, defendeu a religião como fator de neurose individual; William James escreveu o clássico até hoje estudado *The Varieties of Religious Experiences*; G. Stanley Hall foi o primeiro presidente da American Psychological Association, pioneiro no estudo empírico das experiências religiosas, em especial a conversão religiosa.

Segundo Johansen (2010), a Divisão 36 da Associação Americana de Psicologia—Psicologia da Religião é a principal organização para psicólogos interessados no estudo da religião, e conta hoje, na América do Norte, com aproximadamente 1600 membros (Hood et al. 2009), o que demonstra o grande interesse na área.

A Psicologia da Religião tem como objeto de estudo o que a religião é psicologicamente, sem pretensão de estudar a religião em si. Para Pargament (1997), estudioso do *coping* religioso, ponto essencial da religião é a busca de significado (p.31), referindo-se àquilo que é importante para o indivíduo, para a instituição ou para a cultura. A religião dá forma à busca de significado, inerente ao ser humano, de várias maneiras. Pargament atribui um significado mais amplo à religião, incluindo o sentido de expressão do

religioso institucional e o de expressão do religioso pessoal, como sentimentos de espiritualidade, crenças sobre o sagrado e práticas religiosas. É a partir dessa definição que o presente trabalho se desenvolverá.

A Psicologia da Religião pode oferecer *insight* das razões que levariam uma determinada pessoa a adotar uma crença específica ou a se engajar em uma religião em particular, mas não diz nada a respeito da verdade que é defendida por essa determinada religião (Hood et al. 2009). A Psicologia da Religião se atém a compreender as muitas formas de como a fé opera no mundo particular do indivíduo, como o comportamento religioso, as motivações envolvidas, percepção e cognição, em suma, as considerações humanas com relação à religião. Dentre essas está o *coping*.

Como Paiva (Paiva, sem/data) afirma, o “objeto da Psicologia da Religião é o comportamento religioso. Entendemos como comportamento não apenas o manifesto e atual, mas também o interiorizado e virtual. Assim, não apenas as palavras proferidas, os ritos realizados, as ações executadas, senão também os pensamentos, os desejos, as atitudes constituem o comportamento”.

Para Pargament (1997, p.12) a religiosidade se dá de forma mais ampla, é um fenômeno multidimensional, “pensamentos, sentimentos, ações e relações são parte da experiência religiosa”. “Enquanto diferentes visões das religiões dão diferentes soluções para os problemas, cada religião oferece uma forma de chegar a um acordo com relação as tragédias, sofrimento e os temas de maior significância na vida.” (p.3).

Pouco se sabe do envolvimento religioso do indivíduo em seus pensamentos, ações e esperanças, a partir de sua orientação religiosa. E esta é a razão chave de se escolher o *coping* religioso como objeto de estudo, segundo Pargament (1997, p.68). O indivíduo ao se deparar com situações de stress e dificuldades é levado a transformar algo que esta na forma subjetiva em seu mundo particular, em algo palpável, concreto, passível de ser compartilhado, como será esclarecido a seguir.

2. *Coping*

O tema central da pesquisa é o comportamento religioso de *coping*. Em português poderia ser usado o termo “enfrentamento” “manejo”, “lidar com”. Na literatura na área psicológica é traduzido como “enfrentamento”, porém não expressa a complexidade do termo. *Coping* envolve também a atitude de fuga, evitação ou negação do estressor (Panzini, 2007), por isso será usado o termo em inglês na presente pesquisa.

Lazarus e Folkman (1984), pioneiros no estudo do *stress* e *coping*, o definem como “a mudança constante tanto cognitiva quanto comportamental empenhadas para lidar especificamente com demandas internas e/ou externas que são avaliadas como impostas ou que excedem os recursos da pessoa” (p.141, 1984). O indivíduo e a situação, apesar de estudadas como variáveis separadas para facilitar didaticamente, são de fato interdependentes no processo do *coping*.

São dois os aspectos influenciadores individuais na avaliação pessoal do *coping* descritos por Lazarus e Folkman (1984). O primeiro - compromisso (*commitment*) - está na base das decisões do indivíduo e expressa o que de fato é importante para ele, o que lhe dá

significado. “Nós preferimos o termo compromisso (commitment) porque denota uma ordem-mais-alta de processos cognitivos e sociais enfatizados na teoria da avaliação cognitiva, e isto implica em qualidade persistente motivacional” (Lazarus & Folkman, 1984 p.56). O compromisso possui qualidade motivacional-emocional.

O segundo aspecto influenciador na avaliação do *coping* - as crenças (*beliefs*) - são noções pré-existentes sobre a realidade e servem como lentes perceptuais. Essas são formadas individualmente, cognitivamente e culturalmente compartilhadas. As crenças são afetivamente neutras, elas não necessariamente contêm componentes emocionais, mas podem eventualmente levar a emoções ou regular as emoções.

O centro do processo de *coping* é a transição, ou processo de troca e encontro entre o indivíduo e uma situação dentro de um ambiente maior. Ao descrever as qualidades centrais no *coping*, Pargament (1997, p.85) chama a atenção para o fato do *coping* não ser restrito a uma única dimensão, “envolvendo virtualmente toda a dimensão do funcionamento humano: cognitivo, afetivo, comportamental e fisiológico e ocorre não só internamente no indivíduo, mas também dentro de um contexto maior de relacionamentos e ambientes”.

A qualidade do *coping* está na maneira como o indivíduo enfrenta uma circunstância difícil: um problema pode ser antecipado, previsto ou solucionado; algo bom pode ser encontrado na dificuldade, ou ainda uma perda devastadora pode ser encarada com integridade. Nesse aspecto o *coping* sempre envolve uma escolha em tempo de problemas, não há determinismo no processo e se manifesta de formas variadas, não necessariamente previsíveis.

O fenômeno do *coping* é impossível de se realizar sozinho, não há como isolar o indivíduo de suas várias camadas de relações sociais (família, organização, instituição, comunidade, cultura), ele carrega consigo esses sistemas que podem ajudar ou dificultar o seu processo. (Pargament, 1997).

Ao enfatizar o *coping* como um processo em que as pessoas se engajam para alcançar um significado em circunstâncias estressantes da vida, Pargament (1997, p. 90) afirma ser esta a semelhança entre *coping* e religião, mas ressalva que *coping* não necessariamente é religioso, embora as pessoas tragam consigo seus sistemas de orientação.

Elas trazem um sistema de orientação, um quadro de referências para perceber e lidar com o mundo e que ajuda se estabelecer e se direcionar em momentos difíceis. A tarefa chave do *coping* é de transmitir este sistema de orientação geral em métodos de *coping* especificamente viáveis de acordo com as distintas demandas e desafios de uma situação em particular. (Pargament, 1997, p.90).

Ao avaliar o fluxo do processo de *coping*, Pargament (1997, p.91) supõe oito implicações em tal processo. Na primeira, as pessoas buscam significado, o comportamento humano é intencional. O indivíduo possui vários objetos de significância que estão distribuídos de forma hierárquica conforme o valor atribuído a eles. Quanto maior o grau de valor, maior a motivação para buscá-lo e preservá-lo.

Na segunda suposição as pessoas constroem os eventos conforme o significado representado, dado por elas. Eventos não simplesmente acontecem na vida, eles são construídos, são criados, antecipados e planejados de forma a enriquecer o significado.

“Eventos negativos não são menos construídos que os eventos positivos. As pessoas fazem o que podem para evitar aquelas situações que depreciam seu significado” (Pargament, p. 95).

Na terceira suposição de Pargament, as pessoas trazem seu sistema de orientação para o processo do *coping*, que é uma “forma geral de ver e lidar com o mundo. Este consiste em hábitos, valores, relacionamentos, crenças generalizadas e personalidade” (Pargament, p.100). É um quadro de referência que dirige o indivíduo para um determinado evento e o leva a evitar outro, é o reservatório de onde o indivíduo pode retirar alguma força, mas também pode ser um fardo acrescentado ao processo de *coping*. Em sequência, na quarta suposição, o indivíduo traduz seu sistema de orientação para métodos específicos de *coping*, ele torna disponível alguns métodos de *coping*.

A quinta suposição é a de que as pessoas buscam significado no *coping* através de mecanismos de conservação, tendência básica do ser humano ou de transformação, ambas representam esforços de manter ou mudar o significado.

Na sexta suposição proposta por Pargament, as pessoas realizam o *coping* da forma que são impulsionadas, na busca de opções por escolhas que maximizem ganho e minimizem perdas.

Coping como processo mergulhado na cultura, é a sétima suposição, que provê o fundamento da busca do significado. Importante ressaltar que a cultura não é estática, mas também poderá se apresentar como fonte de stress para uma nova adaptação.

Na última suposição de Pargament, a chave para um bom *coping* está em seus resultados e em seu processo. A avaliação dos resultados do *coping* não é algo simples, pois

ela se apresenta de várias formas no processo. “O ponto central aqui é que qualquer avaliação do impacto do *coping* e seus resultados deve ser sensível às particularidades do indivíduo, da situação e do contexto social” (Pargament, p.123).

O processo do *coping* segundo Lazarus e Folkman (1989, p.53) envolve duas formas de avaliação: primária e secundária. Primária é a avaliação feita no primeiro contato com a situação, realizando juízo se esta é irrelevante, benigna ou estressante, podendo ser prejuízo (perda) ou desafio. É importante lembrar que esta avaliação provoca emoções juntamente com a percepção. Secundária é a avaliação envolvendo processos que levam em consideração o que está disponível, o que pode e deve ser feito, ou seja, quais as opções de enfrentamento.

Na avaliação secundária o indivíduo elege qual a forma de *coping* a ser usada. A partir dos estudos de Bandura, sobre expectativas eficientes, Lazarus e Folkman (1984) afirmam que estas são parte da avaliação secundária, que além de incluir a avaliação de opções de alternativas de *coping*, influenciam a emoção e o *coping*.

A percepção é o que determina o que é estressante,

O que torna uma situação estressante não é somente o evento em si, mas a avaliação primária da ameaça, a possibilidade de causar dano, ou desafio que o evento atribui à busca de significado e a avaliação secundária dos recursos e bagagens que o indivíduo traz no processo de *coping* (Pargament, 1997, p. 99).

Na busca por maximizar ganhos e minimizar perdas do sentido, sexta suposição de Pargament (1997, p.117), ele acrescenta a avaliação terciária às duas primeiras referidas por Lazarus e Folkman, envolvendo coração e mente, pois para entender como o indivíduo irá lidar com situações difíceis é necessário conhecer não somente a situação, mas o sistema de significados e sistema de recursos e fardos que influenciarão a tomada de decisão. Ou seja, a avaliação terciária envolve a interação das diversas forças presentes no *coping*.

Para melhor entendimento do *coping*, Antoniazzi, Dell’Aglío e Bandeira (1998) chamam a atenção para a diferenciação entre estilo e estratégias de *coping*. “Em geral, os estilos de *coping* têm sido mais relacionados a características de personalidade ou a resultados de *coping*, enquanto as estratégias se referem a ações cognitivas ou de comportamento tomadas no curso de um episódio particular de stress.

Antoniazzi et al. (1998) citam Carver e Scheier afirmam que as pessoas desenvolvem formas habituais de lidar com stress e esses hábitos ou estilos de *coping* podem influenciar suas reações em novas situações, não necessariamente por preferências , mas por uma tendência a responder de uma determinada forma quando confrontadas com uma série específica de circunstâncias.

A seguir será abordada a presença da religião no *coping*, como fenômeno rico e influenciado por vários fatores presentes no fluxo do processo, com diferentes estilos.

3. *Coping* e Religião

A escolha do *coping* religioso como centro da pesquisa se deu pelo fato de ser a forma religiosa mais concreta apresentada pelo indivíduo (Pargament, 1997). O *coping* religioso possibilita a transposição do mundo subjetivo para o mundo concreto, “podemos ver o movimento de generalidades de suas fés para ações específicas religiosas em momentos difíceis” (Pargament, 1997, p.166).

É curiosa a observação feita por Pargament et al. (2005) sobre a Escala de Formas de Coping desenvolvida por Lazarus e Folkman (1984), que contém apenas duas questões a respeito da religiosidade: “encontrou uma nova fé” e “eu orei”. Acredito que poderia ser considerada mais uma questão: “esperei um milagre”. Mas mesmo desta forma fica evidente a pouca relevância dada à religiosidade neste estudo de grande amplitude sobre o *coping*.

Pargament et al (2005) mostram que onde encontramos crises e tragédias encontramos também religiosidade, pois é na religião que o ser humano busca forças para enfrentá-las. Várias pesquisas evidenciam a presença religiosa em tais situações. Uma delas foi realizada com amostra nacional no EUA com familiares de vítimas dos atentados 11/09 (Onze de Setembro), na qual 90% (noventa por cento) buscaram consolo e forças na religião (Schuster, M. A., Stein, B. D., Jaycox, L. H., Collins, R. L., Marshall, G. N., Elliott, M. N., Zhou, A. J., Kanouse, D. E., Morrison, J. L., & Berry, S. H., 2001). Em outro estudo, um grupo de pessoas que sofreram acidentes que as tornaram paralíticas, responderam a pergunta “Porque eu?”, com “Porque Deus tem uma razão” (Bulman, Wortman, 1970).

O *coping* religioso é um fenômeno muito rico e não simples, nem uniforme, e sua importância não está somente no quanto a religiosidade participa no processo de entender e lidar com eventos difíceis e estressantes, mas também o como a religiosidade é envolvida no processo. Pargament et al. (2005) apontam questões como: quem, o que, quando, onde e o porquê do *coping*.

Em artigo sobre os avanços da teoria, pesquisa e prática do aspecto religioso do *coping*, Pargament et al. (2005) analisam o estereótipo aceito da religiosidade como simples defesa, não negando por completo esse fato, mas demonstrando que a religião não pode ser reduzida a este estigma. Há estudos empíricos que apresentam a religião com uma variedade de funções no *coping* que vão além da diminuição da ansiedade, como o controle e crescimento pessoal. Tais estudos indicam também que a religião nem sempre é ligada à negação completa da situação. Outros ainda demonstram que a religião não é uma resposta passiva a acontecimentos da vida, mas é possível encontrar tanto formas passivas como também ativas no processo do *coping* religioso.

Pargament faz um levantamento das várias formas de olhar a presença da religião no *coping*. Entre os muitos fins da religião encontra-se a diminuição da tensão, como defende Freud, mas esse não necessariamente é o único. Ela está também envolvida na busca por um fim de significado no *coping*, o que é importante para o indivíduo, instituição ou cultura (aquilo que o indivíduo se importa de fato). Além disso, “muito do poder da religião está na

habilidade de avaliar eventos negativos de ponto de vista vantajosamente diferente” (p.172), dando um significado novo.

É determinante no *coping* religioso, segundo Pargament (1997), a responsabilidade e o controle do indivíduo no seu processo. Pargament aborda diferentes estilos dependendo do *locus* de controle. Um deles o de autodireção (*self-direction*) considera o indivíduo mais ativo e Deus mais passivo na resolução dos problemas, tendo como ideia base que Deus dá a capacidade e liberdade para as pessoas dirigirem as suas próprias vidas.

Em outro estilo o de delegação (*deferring*), o indivíduo passivamente espera que Deus solucione os problemas, dando total responsabilidade a Deus. O terceiro estilo o de colaboração (*collaborative*), em que ambos são ativos, Deus e o indivíduo, são corresponsáveis na resolução do problema. E por último, no de súplica (*pleading* ou *petitionary*) quando o indivíduo tenta ativamente influenciar a vontade de Deus mediante petições de intervenção.

No capítulo a seguir será abordado o aspecto cultural presente no *coping*, variável a ser analisada a partir dos dados obtidos na aplicação da Escala CRE-Breve e Questionário Geral.

4. Cultura e *Coping*

No presente capítulo, o propósito principal é apresentar aspectos da construção social da cultura no indivíduo, como o *self*, as emoções e a motivação para realizações. Aspectos esses que poderão se mostrar presente no processo do *coping*.

Antoniazzi et al. (1998) ao fazerem uma revisão teórica do conceito de *coping* destacam várias formas diferentes de conceituação relacionadas ao processo, mencionando diferentes gerações de pesquisadores e entre eles está a pesquisa de Rudolph, Denning e Weisz realizada com crianças em situação médica.

Nesse estudo os pesquisadores apontam para as múltiplas variáveis influenciadoras no *coping*. Os dois conceitos sugeridos são: o de “*moderadores*, os que refletem características da pessoa (nível de desenvolvimento, gênero, experiência prévia, temperamento), do estressor (tipo, nível de controlabilidade), do contexto (influência paterna, suporte social) bem como a interação desses fatores; e o de *mediadores*, especificamente no *coping*, estes mecanismos seriam, por exemplo, a avaliação cognitiva e o desenvolvimento da atenção.” (Antoniazzi et al.,1998,p. 279)

Também na revisão de Antoniazzi et al.(1998) é citada a pesquisa de Beresford realizada com pais (1994) onde é usado o conceito de recursos pessoais, variáveis físicas, psicológicas, crenças, ideologias e experiências prévias. Recursos sócio-ecológicos de *coping*, “encontrados no ambiente do indivíduo ou em seu contexto social, incluem relacionamento

conjugal, características familiares, redes sociais, recursos funcionais e circunstâncias econômicas” (p.280).

Desta forma fica clara a concordância entre esses estudos e a afirmativa de Pargament quanto ao *coping* ser um processo mergulhado na cultura, como já mencionado anteriormente, sob influência do sistema orientador cultural (1997, p.144).

Para entender a cultura no processo de *coping*, inicialmente se faz necessário entender as duas vertentes que a tem como objeto de estudo, que dizem respeito aos seguintes termos: *ética*, que se refere a dados que são consistentes em diferentes culturas, verdades ou princípios universais; *êmica*, que se refere a dados que parecem ser diferentes nas culturas, verdades culturalmente específicas (Matsumoto, 1994).

“A vertente *êmica* desenvolveu-se como Psicologia Cultural, e a vertente *ética* como psicologia intercultural que, a partir de um ético provisório, aborda os *ênicos* culturais e deles deriva um novo ético mais abrangente. A primeira procura entender seu objeto como construído no interior de uma única cultura, que fornece o sentido suficiente para a vida no interior desta cultura. A segunda entende seu objeto como diversamente construído por duas ou mais culturas”. (Paiva, 2004).

O presente estudo faz referência à vertente *ética*, buscando a presença cultural construída em contexto de encontro de duas culturas, em mulheres imigrantes taiwanesas. As culturas estudadas envolvem aspectos de profunda estrutura das mesmas, o que foi chamado por Triandis de síndrome cultural do individualismo e coletivismo, assunto retomado em

revisão de dados pesquisados e direcionado para a dimensão da personalidade em seu artigo de 2001 (Triandis, H. C., 2001). Para os achados analisados no nível individual, dos reflexos destas posturas culturais, os termos propostos são *idiocentrismo* e *alocentrismo*, respectivamente.

A seguir serão elencados aspectos influenciados pelo sistema de referência cultural original do indivíduo e que poderão trazer consigo conseqüências no processo de *coping*, como: construção do entendimento de si mesmo, padrões aprendidos de emoções das experiências e referência quanto à motivação para realizações.

4.1. *Self*

Para Matsumoto (1994) o entendimento do indivíduo de si mesmo, do *self*, é assunto importante para entender a variedade de comportamentos individuais nas diferentes culturas. “A formação do *self* é um fenômeno poderoso, que provê um enquadramento do qual podemos entender e analisar variações culturais na cognição, emoção e motivação” (p.33), fatores também presentes no *coping* religioso, como mencionado anteriormente.

Matsumoto (1994) descreve dois tipos de construção do *self*. O primeiro encontrado no ocidente no qual o *self* é independente, separado dos outros indivíduos. Nessa visão o indivíduo tende a focar atributos internos como suas próprias habilidades, inteligência e traços de personalidade.

Na segunda forma de construção do *self* encontrada em culturas não ocidentais, vê-se a conexão fundamental do ser humano (*fundamental connectedness of human beings*), que tem como tarefa principal se ajustar, encaixar para manter a interdependência dos indivíduos. A tendência do indivíduo é buscar, encontrar tarefas, obrigações e responsabilidades sociais. Matsumoto (1994) menciona pesquisa feita por Triandis na qual 80% das auto-descrições realizadas por chineses da República da China eram referentes a seu pertencimento a um determinado grupo.

O fato da construção do *self* ser independente ou interdependente influencia explicações de causalidades sociais. No primeiro caso a ação social é explicada como sendo de uma disposição pessoal, o indivíduo infere a partir de seu olhar de si mesmo, como por exemplo, “ela é irresponsável”. No segundo, a atribuição de causalidade é dada à construção da situação ou a algo externo que justifica a ação.

Inseridos em diferentes quadros de referência cultural, *coping*, saúde mental e bem-estar podem tomar diferentes formas e são associados a diferentes tipos de sentimentos. Markus e Katayma (1994, p.122) apresentam o trabalho de Kleinman que revela que a evitação do sofrimento pode não ser universal, como por exemplo, na China e Índia, onde tal premissa pode ser questionada. Esses vêem o sofrimento inerente ao fato de serem humanos, podendo enaltece-lo e associá-lo a bons sentimentos e desenvolvimento espiritual.

Markus e Katayma concordam que a mais específica e poderosa forma cultural influenciadora do comportamento do indivíduo é a de seu significado e práticas do *self*.

“Cada contexto cultural provê alguma mensagem sobre o que significa o ser uma pessoa. Através da socialização, andamento dos processos sociais e linguístico, essas mensagens culturais e imperativas são incorporadas dentro do sistema emocional sendo este “sinto-me bem” quando me comporto em concordância com estes imperativos e “sinto mal” quando não me comporto de acordo com esses imperativos” (Markus & Katayama, 1994, p. 123).

Para Triandis (2001) reflete também na auto-estima do indivíduo, quando a postura alocentrica é baseada em “estar enturmado” do que para indivíduos idiocentricos, em que a auto estima pode estar vinculada ao “estar a frente” ou “ser o melhor”.

4.2. Emoções

Para Belzen (2010), estudioso da Psicologia Cultural da Religião, as emoções não são explosões irracionais de reações naturais e inevitáveis, citando Armon-Jones, “emoções são padrões de experiência e expressão determinados socioculturalmente que são adquiridos e a partir daí expressos em situações sociais específicas” (Belzen, 2010, p.56; p.85). Podem ser caracterizadas como convicções, avaliações e desejos fornecidos por sistemas de convicções, valores e costumes culturais bem determinados de comunidades em particular. As emoções se conformam a paradigmas culturais pré-existentes.

Kitayama e Markus distinguem emoções que encorajam a independência do *self* das que encorajam interdependência. Emoções como orgulho ou sentimento de superioridade

que confirmam atributos internos como inteligência e riqueza, bem como sentimentos de raiva e frustração, são frutos da interferência de objetivos internos individuais. Ambos os tipos de sentimentos mencionados, positivos e negativos, salientam e contrastam no contexto social e são chamados de emoções socialmente não engajadas, não comprometidas ou não envolvidas (*socially disengaged emotions*) (Matsumoto, 1994).

Há também as emoções socialmente engajadoras (*socially engaged emotions*), como sentimentos amigáveis, ou sentimento de respeito que são resultados de ser parte do grupo social e estar próximo de outro. Pode envolver também sentimentos negativos como sentimento de dívida e culpa.

Na perspectiva cultural oriental, portanto, as emoções boas acontecem quando o indivíduo está engajado em um grupo, buscou e completou suas obrigações no grupo a que pertence e quando faz parte de um relacionamento em andamento. Markus e Katayma (1994) mencionam a pesquisa de Potter em que as emoções não são essencialmente importantes para os chineses, ou seja, os sentimentos serão de simpatia e de semelhanças de conexão, enquanto em uma perspectiva ocidental, as boas emoções são demonstradas na felicidade individual.

4.3. Motivo de realização (*achievement motivation*)

O motivo para realização refere-se ao desejo por excelência nas realizações e tem sua raiz não somente em características de personalidade e individuais, mas também em relações sociais. Matsumoto (1994) apresenta a diferenciação feita por Yang de duas formas de motivo

para realização: a orientação individual e a orientação social. Ele diferencia a motivação ocidental que busca realizações para o próprio bem em contraposição à motivação oriental na sociedade chinesa em que se buscam realizações ou atividades para o bem dos outros como, por exemplo, cumprir expectativa de membros da família, satisfazer o sentimento de obrigação e dívida com os pais, que fez grande sacrifício para sua educação.

Matsumoto também cita a pesquisa de Yu que relata que a força do motivo de realização na China é positivamente relacionada ao familismo e à devoção filial. “Os que são mais fortemente motivados para excelência também tomam mais seriamente seus deveres e obrigações com os membros da família, especialmente os pais” (Matsumoto, 1994, p.31). Os jovens confirmam este aspectos quando entrevistados por Sang (2003).

5. Imigração e suas implicações

A imigração expõe o indivíduo a se expor a uma variedade de formas de pensamento, de comportamento e a uma diversidade de valores que antes ele não seria capaz de imaginar que existissem, e tais diferenças, no momento da imigração, se evidenciam através da cultura de contato. Dessa forma, o imigrante passa a ter maior senso de sua própria etnicidade, anteriormente despercebida quando ainda inserido no meio cultural de seu país.

Os costumes, os estilos de vida, a língua que eram tidos como universais na percepção do indivíduo, passam a emergir como a consciência da identidade de seu grupo, a identidade nacional e a identidade étnica, segundo Phinney (2004).

O imigrante, ao chegar ao novo país, é obrigado a adaptar-se a uma sociedade diferente daquela em que foi criado iniciando o *processo de aculturação*, que implica várias formas de adaptação ao novo contexto. A *aculturação*, termo adotado da antropologia, definido como mudanças que ocorrem como resultado do contato contínuo entre grupos e acontece a nível familiar, individual, psicológico e de valores (Berry, 2004).

Segundo Berry, o processo de aculturação pode se desenvolver de quatro formas estratégicas no indivíduo em relação à cultura receptora: *Integração, Assimilação, Segregação, Marginalização*.

Na *Integração*, a identidade cultural de origem mantém-se ao mesmo tempo em que há um esforço por parte do indivíduo de se inserir na sociedade, estimulando a participação nos dois mundos. Na *Assimilação*, o imigrante não se esforça para manter sua herança cultural e procura interagir com a cultura receptora. Essas variedades são provenientes de uma atitude positiva, pois trazem consigo a possibilidade de interagir com a sociedade receptora (Berry, 2006).

A *Segregação* ocorre quando o indivíduo apresenta uma relação negativa com a sociedade receptora, conservando sua cultura e evitando interação com os outros. Na *Marginalização* o imigrante não apresenta identificações nem com a cultura no novo contexto, nem com a cultura originária.

Para as famílias, a imigração se dá como ruptura no transcorrer de seu ciclo e cada indivíduo passa por um processo pessoal diferente de aculturação, não somente por

diferenças de idade, mas também de gênero, o que acarreta conseqüências distintas. (McGoldrick,1989).

A identidade nacional dos imigrantes chineses que vieram quando jovens adultos já com filhos crianças ou adolescentes, na década de 60, levou-os a valorizar ainda mais a sua própria cultura, devido à etnicidade (sentimento presente em todas as culturas), agravada com o sentimento de superioridade do chinês, já presente em sua forma de se perceber frente ao mundo ocidental (afirmação feita por Tom Chung, 2005).

O *stress da aculturação* é a resposta das pessoas a eventos da vida que têm suas raízes no contato intercultural (Berry, 2006). É importante entender as duas sociedades envolvidas no contexto, a de origem e a hospedeira, não esquecendo que há outros fatores anteriores à aculturação que poderão aumentar o stress, como a idade avançada - maior nível de stress, gênero - as mulheres têm maiores dificuldades e quanto maior o grau educacional - menor nível de stress.

Para DeBiaggi (2002), as mudanças que ocorrem na vida dos homens e mulheres com a imigração trazem rupturas no relacionamento convencional entre os sexos e mudanças nos papéis habituais do gênero em suas famílias. Normalmente mulheres passam a trabalhar fora de casa e ainda continuam a cuidar de suas responsabilidades de casa e filhos.

A diminuição do stress da aculturação está intimamente relacionada ao bem-estar do indivíduo e aos grupos de suporte social. De alguma forma os indivíduos que possuem algum

elo social com pessoas da mesma herança cultural têm apresentado menor nível de stress (Berry, 2006).

Acrescenta-se o fato de serem atraídos pelo que lhes parece familiar e traz sentimento de segurança, e também pelo fenômeno conhecido como *união entre iguais* (Myers, 2000). Nesses grupos muitas vezes fala-se a mesma língua, comemoram-se as mesmas datas, come-se o mesmo tipo de comida e são os mesmos os valores, fortalecendo assim a identidade nacional de seu país de origem. Tal realidade está presente nas igrejas protestantes participantes da amostra.

Sluzki, em um capítulo dedicado ao processo de imigração, o define como uma experiência natural de ruptura. Afirma que a imigração deve ser reconhecida como importante fonte de stress que surge das perturbações na rede social, do luto pelos vínculos e funções perdidos. A circunstância de uma migração abala e transfigura a rede, gerando então um novo mapa de relacionamentos (Sluzki, 2003).

Amatuzzi, ao se referir ao desenvolvimento da representação religiosa, afirma: “Somos carregados pela cultura. Não nos tornamos homem sozinho. Mas também não somos passivos: cultura, tradição e religião não devem ser entendidas como um conteúdo acabado, fechado, mas como algo vivo, constituinte, sem dúvida, mas também constituído por nós.” (Amatuzzi, p. 93).

O fenômeno da imigração também faz parte desse processo que se constitui e é constituído pelo indivíduo. Para melhor entender as implicações da imigração para as mulheres chinesas de Taiwan, serão ressaltados aspectos da cultura chinesa e uma breve descrição histórica que mostrará a singularidade deste grupo em estudo.

5.1. Imigração dos chineses taiwaneses e algumas peculiaridades

Segundo Shyu e Jye (2008), ainda que o Brasil conte com a presença de cerca de 100 mil imigrantes chineses, há poucos estudos sobre a imigração e interação entre a cultura chinesa e a brasileira. David Shyu (2000), professor de chinês e um dos primeiros a abordar o tema em sua dissertação de Mestrado, publicou o artigo *Os imigrantes chineses e sua língua*. Sua amostra foi composta por chineses vindos de Taiwan, mas de diferentes origens culturais e seus descendentes, alunos da escola de chinês em São Paulo.

Taiwan, Formosa ou República da China são os nomes dados para a ilha ao leste do Oceano Pacífico, a sudoeste do território continental Chinês. Composta de chineses de diferentes etnias, como os de origem han (considerados taiwaneses propriamente ditos), chineses vindos da República Popular da China (China Continental), hakaneses, povos da montanha (grupo étnico indígena) entre outros.

Shyu e Jye (2008), ao estudar *A integração cultural dos imigrantes chineses no Brasil*, descrevem historicamente várias ondas de fluxo imigratório chinês advindo de diferentes origens para o Brasil. Eles apontam alguns momentos históricos que desencadearam grande

número de taiwaneses vindo para o Brasil, como quando na ONU, em 1971, o lugar que era ocupado pela República da China (Taiwan) passa a ser ocupado pela República Popular da China e outro momento quando Estados Unidos rompe relações com a República da China em 1979.

A maior influência nos valores sociais, na cultura chinesa veio da doutrina postulada por Confúcio (forma latinizada de Kung Fo-Tze, 551 – 479 a C.), que definiu valores e princípios de boa convivência social que continuam a influenciar a cultura chinesa ainda hoje, nas famílias de imigrantes.

Chung (2005) diretor do TC&A (Technology Consulting & Associates) alerta para a falsa idéia que muitos têm de que a cultura chinesa, por se estender por 5000 anos, não houvesse passado por mudanças. Afirma que não se pode mais dizer que a cultura chinesa é monocultural, pois o ocidentalismo levou-a a uma desintegração e reexame de seus valores, embora muitos aspectos ainda permaneçam.

No trabalho desenvolvido por Sang (2003), com filhos de imigrantes chineses taiwaneses, na cidade de São Paulo, tal presença é confirmada. Através de análise qualitativa de desenhos projetivos e entrevistas, concluiu-se que os participantes possuem uma identidade chinesa fortemente estabelecida e uma relação filial marcada pelo *Amor e Devoção Filial*, postulado básico da família tradicional chinesa sob influência de Confúcio e base das instituições sociais do Extremo Oriente.

Confúcio, entre seus ensinamentos, defendia que a harmonia da sociedade depende da desigualdade entre as pessoas e o cumprimento de suas obrigações segundo seus papéis. O mais jovem, por exemplo, deve respeito ao mais velho. A família é a célula da organização social que deve funcionar em harmonia. O indivíduo deve ter em mente que não se deve fazer ao outro o que não quer que se faça a si mesmo. Confúcio defendia a importância da educação por parte de cada um, independentemente de seu lugar na sociedade (Chung, 2005).

Também a partir de Confúcio, a pessoa, como indivíduo singular, não é importante, mas sim como agente no grupo, ou seja, é a família e não as pessoas, a unidade mais importante da sociedade (Sang, 2003). Os pais decidem se um comportamento é ou não apropriado e o pai tem um relacionamento autoritário e distante com os membros da família.

Qualquer comportamento que ressalte o desejo individual é desencorajado e assim os conflitos internos familiares são minimizados. Cada componente da família possui um papel a ser desempenhado, sem interferir no do outro. Isso fica claro até mesmo na forma dos familiares se chamarem, pois para cada indivíduo existe um nome conforme sua colocação na família: filho mais velho, segundo filho, tio mais velho por parte da mãe, tio mais velho por parte do pai, etc.

A coesão da família é de extrema importância para o chinês. Algumas atitudes que seriam naturais para um ocidental, poderiam ser interpretadas pelos chineses como orgulho, desejo de se mostrar, ou até mesmo desrespeito. Os sentimentos pessoais precisam ser

contidos e a espontaneidade e naturalidade podem ser mal entendidas (Atkinson, Morten & Sue, 1989).

Diferentemente do que a família ocidental tem idealizado como casamento por escolha afetiva, o propósito do casamento para o chinês, de acordo com Ingoldsby & Smith (1995), é continuar a linhagem da família, sendo que o amor não é pré-requisito para o matrimônio e virá a ser desenvolvido posteriormente. A expectativa quanto à mulher é que se responsabilize por seus trabalhos domésticos, case-se e tenha filhos, especialmente homens (Lee, E., 1996). Ao se casar, passa a pertencer à família do marido.

Para os ocidentais o homem é visto como o conquistador, explorador do mundo e da natureza. Já para os chineses, o homem está em parceria com a natureza, é parte dela e o significado da vida está em se harmonizar com a natureza (Atkinson, Morten & Sue, 1989). Enquanto no ocidente é valorizado o fato de o indivíduo mostrar autoconfiança e falar de suas capacidades, o chinês fala somente de suas fraquezas em público e esconde suas qualidades, tendo a postura correta em sua própria opinião (Atkinson, Morten & Sue, 1989).

O controle dos membros da família é feito através da culpa e da vergonha. Terapeutas familiares americanos, segundo Lee (1996), usam o senso de culpa com membros da família que hesitam em aderir ao tratamento terapêutico, a fim de inseri-los. Gao (1998) ao analisar uma série de televisão, com o objetivo de identificar construtos culturais taiwaneses, percebe o uso da culpa, como forma de levar o indivíduo a uma determinada ação, a demanda é feita pedindo “para uma pessoa considerar as necessidades e desejos de “outros”.

A culpa juntamente com a obrigação e a vergonha são os mecanismos utilizados para reforçar as expectativas sociais e os comportamentos apropriados.

Um conceito vinculado a tais expectativas sociais, não sendo exclusivo somente na cultura chinesa, mas influenciada por essa cultura é o conceito de *face* (em inglês) que pode ser entendido de duas formas: “*liam*” *face* (representa a integridade moral, confiança social) e “*mian*” imagem (envolve prestígio social, reputação). *Face* refere-se mais à família e perder a *face* (*losing-face*) ou ganhar a *face* (*face-gaining*) reflete tanto o indivíduo quanto a família. (Gao, G, 1998). Interessante ressaltar que se trata de um conceito reconhecido, verbalizado, e quando mencionado muitas vezes é acompanhado do gesto de deslizar o dedo no rosto.

Os pais enfatizam na educação das crianças suas obrigações familiares e, se apresentam indícios de comportamento pessoal, individual, são acusadas de ingratidão ou egoísmo. Os pais exercem um grande controle sobre os filhos. O sucesso dos filhos é uma grande fonte de orgulho para toda a família (Atkinson, Morten & Sue, 1989).

II. ESTRUTURA DA PESQUISA

1. OBJETIVOS

1.1. Objetivo geral

Investigar a presença de diferenças significantes da variável cultural nas modalidades dos Fatores Positivos e Fatores Negativos do *coping* religioso em mulheres, acima de 25 (vinte

e cinco) anos, da Grande São Paulo, no contexto religioso de igrejas protestantes históricas, de origem cultural chinesa taiwanesa e de origem brasileira.

1.2. Objetivos específicos

Verificar os dados obtidos através da adaptação da Escala Breve de Aculturação para Hispânicos (Marin, Sabogal, ET. AL., 1987) usada por DeBiaggi (2002) aplicada ao grupo de origem chinesa taiwanesa, buscando caracterização do grupo quanto ao processo de aculturação.

Investigar os dados obtidos do CRE-Breve, seus Fatores Positivos e Negativos entre as mulheres de origem brasileira e as de origem chinesa taiwanesa, em grupos divididos pela média de idades de cada grupo (brasileiras 40 - 86 anos e as chinesas taiwanesas 45 - 69 anos) grupo das mais jovens e das mais velhas respectivamente.

Relacionar esses dados obtidos (CRE- Breve) com os obtidos no Questionário Geral, a fim de verificar se há diferenças significativas que apontam a presença da variável cultural na amostra de origem chinesa taiwanesa, padrões de critério de diálogo entre os dados obtidos e a literatura pesquisada.

2. JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa tem como referência a psicologia e cultura na vertente *ética*, perspectiva da qual se desenvolveu a psicologia intercultural e cujo objeto, a cultura, é entendida como diversamente construída por duas ou mais culturas em interação, em

detrimento da vertente *êmica*, que busca entender seu objeto como construído no interior de uma única cultura (Paiva, 2004, p. 11).

Berry (2006), ao descrever as sociedades culturalmente plurais nas quais participam diferentes culturas, compartilhando o mesmo quadro político e social, faz distinção de dois modelos de sociedades: o *melting pot* e o modelo multicultural. É no modelo multicultural que a Grande São Paulo se encaixa: pessoas de diferentes culturas que se mantêm em seus grupos sociais (grupos minoritários) de iguais, mas sob a cultura dominante brasileira. Grupos que precisarão absorver em algum grau a cultura brasileira para que sejam aceitos e participem desta sociedade majoritária (p. 28).

A relevância da pesquisa encontra-se na realidade social contemporânea de fluxos imigratórios crescentes e intensos que possibilitam constantes contatos culturais e aumento de sociedades de aspecto culturalmente plural que demandam novos desafios ao profissional da saúde, educação da área privada e pública e em uma visão mais ampla, qualquer área em que se dá interação social, a sociedade em si. Quanto ao psicólogo, no *setting* terapêutico, há a necessidade de um olhar sensível a mais uma variável latente que superficialmente considerada compromete o processo terapêutico.

Tal variável latente, pelo fato do imigrante muitas vezes dominar a língua de seu novo contexto cultural e aparentemente se mostrar adaptado às suas vestimentas e alimentação, leva à conclusão de um processo de aculturação bem sucedido e dessa forma as diferenças subjetivas do indivíduo no processo de *coping* religioso são minimizadas.

O Brasil continua sendo um país receptor de imigrantes: o número de imigrantes no Brasil de 143,6 mil, dado obtido no censo realizado em 2000, quase dobrou no censo de 2010 para 268,4 mil. Deste número, 65% é formado por brasileiros retornados, chamados de “imigrantes” na descrição feita pelo censo. Entre estes 65%, 45% se divide entre diferentes nacionalidades, como os de origem dos Estados Unidos, Japão e Paraguai. É importante lembrar que contamos com a presença de imigrantes não contabilizados nesses dados, os não documentados. Tal realidade aponta para a necessidade de maior preparo de profissionais não somente da área da psicologia, mas também da saúde e da educação, para um atendimento efetivo da população.

O antropólogo Clifford Geertz, que influenciou grandemente a Psicologia Cultural da Religião, desafia o aprofundamento do estudo da religião, afirmando que toda a subjetividade (incluindo a religiosidade) humana é culturalmente constituída (citado por Belzen, 2010, p.59). Geertz parte do paradigma de que os símbolos sagrados de um povo sintetizam seu *ethos*, o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo e disposição morais e estéticos e a visão de mundo do povo (Geertz, 1989, p.67). A religiosidade é então definida como um sistema cultural.

Academicamente a presente pesquisa é relevante para estimular futuras pesquisas em que as diferenças culturais e individuais em contexto de constante movimento geográfico e contato cultural sejam refletidas e, como mencionado anteriormente, a religiosidade é inerente a elas.

Outra relevância desta pesquisa relaciona-se à pesquisadora, que percebe a dificuldade das mulheres imigrantes de descendência chinesa taiwanesa em contexto cristão de procurar ajuda em psicoterapia. A essa dificuldade das mulheres soma-se a dos psicólogos em não levarem em consideração a importância do comprometimento cultural e religioso no *setting* terapêutico. Pequenas atitudes que afrontam ou contrariam valores estabelecidos por tais mulheres (como por exemplo, o respeito e honra aos mais velhos) podem acarretar em resistência e distanciamento do processo terapêutico.

3. HIPÓTESE

Estando todos nós profundamente integrados e imersos na cultura, onde se originam e se desenvolvem os nossos sistemas de referências, incluindo o sistema simbólico religioso, levanta-se a hipótese de que as mulheres chinesas taiwanesas e as mulheres brasileiras cristãs diferem no enfrentamento religioso do stress em razão de seu diferente background cultural. Sem com isso desconsiderar o fato de possíveis diferenças individuais virem a se revelar como “hipóteses rivais” na presente pesquisa. (Paiva, 1978, p33).

4. MÉTODO

4.1. Amostra

O estudo contou com a participação de 116 mulheres da Grande São Paulo, pertencentes ao contexto religioso de igrejas protestantes históricas acima de 25 anos de idade. Dentre elas 64 mulheres de origem chinesa taiwanesa, com avôs paternos e maternos

taiwaneses, independente de terem nascido ou não no Brasil e 52 mulheres brasileiras, com avôs paternos e maternos brasileiros.

4.2. Instrumentos

Foi desenvolvido um Questionário Geral, para atender à especificidade de ambos os grupos, correspondendo aos objetivos da pesquisa: 7 itens no questionário destinado às mulheres brasileiras (Anexo II), e 11 itens no destinado às chinesas taiwanesas (Anexo III). Ambos abrangeram dados de identificação dos sujeitos, como: idade, há quanto tempo é cristã, nacionalidade dos avós e pais. Para o questionário destinado às chinesas taiwanesas (Anexo II), havia a pergunta sobre o local de nascimento e a sub-opção de resposta sobre a idade da chegada ao Brasil.

Aplicou-se ao grupo de origem chinesa taiwanesa, uma adaptação da Escala Breve de Aculturação para Hispânicos (Marin, Sabogal, ET. AL., 1987), contendo 18 itens, sendo 17 itens da adaptação realizada por DeBiaggi (2002), acrescentada a questão 12, referente à língua utilizada com os pais. As respondentes escolheram sua preferência com a qual realizam determinados comportamentos. As respostas em formato de escala Likert variaram de 1 “somente taiwanês” ou “todos taiwaneses” ou 5, “somente português” ou “todos brasileiros” quanto a linguagem e as relações sociais.

A escala contempla apresenta três fatores distintos: uso da linguagem, mídia e relações sociais étnicas. A média de pontuação na escala foi de 59,23 e a partir deste valor, foram criadas três categorias com valores de corte baseados na média e no desvio padrão, a saber,

52,06 e 66,40. As categorias foram: pouco aculturadas, moderadamente aculturadas e muito aculturadas.

A Escala Breve de Aculturação para Hispânicos (SASH), no ano de 2000, foi utilizada para aplicação em chineses americanos, e para acessar a medida em chineses adultos, foi substituída a palavra “espanhol” pelo termo “chinesa”, demonstrando ser pertinente o uso da escala na presente pesquisa.

Ambos os grupos responderam a Escala CRE-Breve usada por Mellagi (2009) desenvolvida a partir da Escala Brief-RCOPE elaborada por Pargament, e adaptada por Panzini e Bandeira. A escala é composta por 49 itens de tipo Likert de cinco pontos, agrupados em 11 fatores principais de *coping* religioso, sete fatores positivos e quatro negativos.

FATORES POSITIVOS: P1, Transformação de si e/ou de sua vida; P2, Ações em busca de ajuda espiritual; P3, Oferta de ajuda ao outro; P4, Posicionamento positivo frente a Deus; P5, Ações de busca do outro institucional; P6, Afastamento através de Deus, da religião e/ou espiritualidade; P7, Busca pessoal de conhecimento espiritual.

FATORES NEGATIVOS: N1, Reavaliação negativa de Deus; N2, Posicionamento negativo frente a Deus; N3, Insatisfação com o outro institucional; N4, Reavaliação negativa do significado.

Segundo Mellagi (2009), “A versão presente da escala CRE-Breve possibilita o agrupamento de itens numa matriz fatorial. A tradução e a adaptação à realidade religiosa

brasileira consideram a manifestação de outras práticas religiosas e entidades alheias à tradição judaico-cristã, mas as estratégias de *coping* permanecem no geral fiéis àquela tradição” (p.46).

4.3. Procedimento

Os sujeitos foram convidados pessoalmente antes ou depois de seus encontros dominicais para responder ao questionário referente a CRE-Breve e Escala Breve de Aculturação. Juntamente com o questionário assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que salvaguardará o sigilo de suas respostas (Anexo I).

4.4. Tratamento Estatístico

Foi utilizado o *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) para a compilação, tabulação, verificação de freqüências e o cruzamento das variáveis obtidas. Os resultados foram expressos como Média, Desvio Padrão da Média e submetidos a análise de Variância (ANOVA) de duas vias, como descritos a seguir.

4.4.1. Comparação dos dados com amostra dividida em 4 grupos.

A amostra foi dividida e separadas em 4 grupos, considerando-se as idades acima ou abaixo das idades médias de cada grupo (brasileiras = 40,86 anos e chinesas taiwanesas = 45,69 anos), a saber, chinesas mais novas, chinesas mais velhas, brasileiras mais novas e brasileiras mais velhas. Essa divisão foi realizada para avaliar estatisticamente a possibilidade de a idade

das mulheres influenciarem no comportamento de *coping* religioso. Não foram encontradas, no entanto, diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos fatores, tanto para chinesas (CREP: $\chi^2=45,513$, $df=42$, $p=0,292$; CREN: $\chi^2=30,237$, $df=25$, $p=0,216$; CREN INV: $\chi^2=25,730$, $df=29$, $p=0,640$; CRE TOTAL: $\chi^2=55,929$; $df=53$; $p=0,365$; RAZÃO N/P: $\chi^2=39,653$; $df=38$; $p=0,396$) quanto para brasileiras (CREP: $\chi^2=40,129$, $df=36$, $p=0,292$; CREN: $\chi^2=30,052$, $df=27$, $p=0,11$; CREN INV: $\chi^2=26,879$, $df=24$, $p=0,310$; CRE TOTAL: $\chi^2=49,962$; $df=43$; $p=0,246$; RAZÃO N/P: $\chi^2=34,829$; $df=33$; $p=0,381$) conforme apresentado nas tabelas abaixo.

MULHERES CHINESAS

Tabela 1. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CREP

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	46,513(a)	42	,292
Likelihood Ratio	63,519	42	,018
Linear-by-Linear Association	,367	1	,544
N of Valid Cases	64		

a 86 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,45.

Tabela 2. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CREN

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	30,237(a)	25	,216
Likelihood Ratio	39,979	25	,029
Linear-by-Linear Association	,135	1	,714
N of Valid Cases	64		

a 52 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,45.

Tabela 3. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CREN INV

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	25,730(a)	29	,640
Likelihood Ratio	34,157	29	,234
Linear-by-Linear Association	,043	1	,835
N of Valid Cases	64		

a 60 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,45.

Tabela 4. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CRE TOTAL

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	55,929(a)	53	,365
Likelihood Ratio	77,069	53	,017
Linear-by-Linear Association	,401	1	,526
N of Valid Cases	64		

a 108 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,45.

Tabela 5. Acima ou Abaixo da Média de Idade * RAZÃO N/P

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	39,653(a)	38	,396
Likelihood Ratio	54,383	38	,041
Linear-by-Linear Association	,122	1	,727
N of Valid Cases	64		

a 78 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,45.

MULHERES BRASILEIRAS

Tabela 6. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CREP

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	40,129(a)	36	,292
Likelihood Ratio	54,828	36	,023
Linear-by-Linear Association	,068	1	,795
N of Valid Cases	51		

a 74 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,43.

Tabela 7. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CREN

Chi-Square Tests

	Value	DF	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	36,052(a)	27	0,11
Likelihood Ratio	48,916	27	,006
Linear-by-Linear Association	,495	1	,482
N of Valid Cases	51		

a 56 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,43.

Tabela 8. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CREN INV

Chi-Square Tests

	Value	DF	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	26,879(a)	24	,310
Likelihood Ratio	36,099	24	,054
Linear-by-Linear Association	,316	1	,574
N of Valid Cases	51		

a 50 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,43.

Tabela 9. Acima ou Abaixo da Média de Idade * CRE TOTAL

Chi-Square Tests

	Value	DF	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	48,962(a)	43	,246
Likelihood Ratio	66,965	43	,011
Linear-by-Linear Association	1,982	1	,159
N of Valid Cases	51		

a 88 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,43.

Tabela 10. Acima ou Abaixo da Média de Idade * RAZAO N/P

Chi-Square Tests

	Value	DF	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	34,829(a)	33	,381
Likelihood Ratio	47,051	33	,054
Linear-by-Linear Association	,006	1	,937
N of Valid Cases	51		

a 68 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,43.

4.4.2. Escala de Aculturação

A média de pontuação na escala foi de 59,23

Tabela 11. Descriptive Statistics

Descriptive Statistics					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
TOTALESCALA	64	37	77	59,23	9,573
Valid N (listwise)	64				

A partir desse valor, foram criadas 3 categorias com valores de corte baseados na média e no desvio padrão, a saber, 52,06 e 66,40. As 3 categorias são:

1-Pouco aculturadas

2-Medianamente aculturadas

3- Muito aculturadas

Os grupos se distribuem conforme a tabela abaixo:

Tabela 12. Total Escala

TOTALESCALA					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Pouco Aculturadas	21	32,8	32,8	32,8
	Medianamente Aculturadas	26	40,6	40,6	73,4
	Muito Aculturadas	17	26,6	26,6	100,0
	Total	64	100,0	100,0	

Os dados acima revelam que a maioria das mulheres chinesas estão distribuídas entre os grupos “pouco aculturadas” (32,8%) e “medianamente aculturadas” (40,6%).

4.4.3. Dados específicos do grupo Chinês Taiwanês

Tabela 13. Religião antes de imigrar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Cristã	34	53,1	53,1	53,1
Budista	17	26,6	26,6	79,7
Nenhuma	5	7,8	7,8	87,5
Não Responderam	8	12,5	12,5	100,0
Total	64	100,0	100,0	

Tabela 14. Como Grupo Chinês Taiwanês Conheceu o Cristianismo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Amigos taiwaneses	17	26,6	26,6	26,6
Amigos brasileiros	2	3,1	3,1	29,7
Familiares ou pais	41	64,1	64,1	93,8
Outros	3	4,7	4,7	98,4
Não Responderam	1	1,6	1,6	100,0
Total	64	100,0	100,0	

Tabela 15. Idioma usado para leitura da Bíblia

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Português	40	62,5	62,5	62,5
	Taiwanês	18	28,1	28,1	90,6
	Ambos	3	4,7	4,7	95,3
	Mandarim	3	4,7	4,7	100,0
	Total	64	100,0	100,0	

Tabela 16. Idioma usado para a oração

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Português	36	56,3	56,3	56,3
	Taiwanês	19	29,7	29,7	85,9
	Ambos	8	12,5	12,5	98,4
	Mandarim	1	1,6	1,6	100,0
	Total	64	100,0	100,0	

Tabela 17. Idioma preferido para ouvir mensagens bíblicas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Português	36	56,3	56,3	56,3
	Taiwanês	18	28,1	28,1	84,4
	Ambos	9	14,1	14,1	98,4
	Mandarim	1	1,6	1,6	100,0
	Total	64	100,0	100,0	

4.4.4. Dados específicos do grupo brasileiro

Tabela 18. Como o Grupo Brasileiro conheceu o cristianismo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Amigos	21	41,2	41,2	41,2
Pais	10	19,6	19,6	60,8
Outros parentes	13	25,5	25,5	86,3
Nasceu em família cristã	6	11,8	11,8	98,0
Não Responderam	1	2,0	2,0	100,0
Total	51	100,0	100,0	

4.4.5. Comparação entre os grupos culturais

Tabela 19. Distribuição da idade dentre as chinesas e brasileiras

Cultura * Faixaldade Crosstabulation

Count		Faixaldade						Total
		17 a 25 anos	26 a 35 anos	36 a 45 anos	46 a 55 anos	56 a 65 anos	66 anos ou mais	
Cultura	Chinesas	5	15	22	17	5	0	64
	Brasileiras	2	11	16	9	5	8	51
Total		7	26	38	26	10	8	115

O teste qui-quadrado revela a existência de uma diferença significativa nesta distribuição, apontando que as mulheres chinesas da amostra são significativamente mais velhas que as brasileiras ($\chi^2=11,994$, $df=5$, $p=0,035$).

Tabela 20. Chi-Square Tests - Aculturação

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	11,994 ^a	5	,035
Likelihood Ratio	15,017	5	,010
Linear-by-Linear Association	4,710	1	,030
N of Valid Cases	115		

a. 5 cells (41,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,10.

Tabela 21. Distribuição da idade de adesão ao Cristianismo em chinesas e brasileiras:

Cultura * CristianismoFaixas Crosstabulation

Count

		CristianismoFaixas						Total
		Antes dos 11 anos	Entre os 11 e os 20 anos	Entre os 21 e os 30 anos	Entre os 31 e os 40 anos	Entre os 41 e os 50 anos	Acima dos 50 anos	
Cultura	Chinesas	21	12	15	4	7	5	64
	Brasileiras	15	15	9	6	2	4	51
Total		36	27	24	10	9	9	115

Não houve diferenças significativas na idade de adesão ao Cristianismo entre chinesas e brasileiras ($\chi^2=4,713$, $df=5$, $p=0,452$):

Tabela 22. Chi-Square Tests – Idade de Adesão ao Cristianismo

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	4,713 ^a	5	,452
Likelihood Ratio	4,838	5	,436
Linear-by-Linear Association	,174	1	,677
N of Valid Cases	115		

a. 3 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,99.

Tabela 23. Distribuição da idade quando imigraram para o Brasil

		Imigr			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	1	,9	1,6	1,6
	2	1	,9	1,6	3,1
	3	2	1,7	3,1	6,3
	4	3	2,6	4,7	10,9
	5	2	1,7	3,1	14,1
	6	2	1,7	3,1	17,2
	7	1	,9	1,6	18,8
	8	2	1,7	3,1	21,9
	10	2	1,7	3,1	25,0
	12	2	1,7	3,1	28,1
	13	1	,9	1,6	29,7
	14	2	1,7	3,1	32,8
	15	3	2,6	4,7	37,5
	16	5	4,3	7,8	45,3
	17	1	,9	1,6	46,9
	24	1	,9	1,6	48,4
	26	1	,9	1,6	50,0
	Nasceram no Brasil	24	20,7	37,5	87,5
	Nasceram em Taiwan, não informaram a idade que chegaram no B	8	6,9	12,5	100,0
	Total	64	55,2	100,0	
Missing	System	52	44,8		
Total		116	100,0		

Tabela 24. Índices de *coping* religioso entre chinesas e brasileiras

Group Statistics					
Cultura		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
CRE TOTAL	Chinesas	64	3,6491	,61949	,07744
	Brasileiras	51	3,7643	,80843	,11320
CREP	Chinesas	64	3,4813	,60339	,07542
	Brasileiras	51	3,7224	,38940	,05453
CREN	Chinesas	64	2,0989	,53494	,06687
	Brasileiras	51	2,2061	,45554	,06379
RAZAO N/P	Chinesas	64	,6206	,20207	,02526
	Brasileiras	51	,6298	,19470	,02726

Tabela 25. Independent Samples Test - Coping Religioso entre Chinesas e Brasileiras

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
CRE TOTAL	Equal variances assumed	,543	,463	-,866	113	,389	-,11525	,13314	-,37903	,14853
	Equal variances not assumed			-,840	91,790	,403	-,11525	,13715	-,38766	,15716
CREP	Equal variances assumed	5,718	,018	-2,472	113	,015	-,24110	,09755	-,43436	-,04784
	Equal variances not assumed			-2,591	108,663	,011	-,24110	,09307	-,42557	-,05664
CREN	Equal variances assumed	,773	,381	-1,139	113	,257	-,10717	,09411	-,29362	,07927
	Equal variances not assumed			-1,160	112,474	,249	-,10717	,09241	-,29027	,07593
RAZAO N/P	Equal variances assumed	,383	,537	-,246	113	,807	-,00916	,03732	-,08311	,06478
	Equal variances not assumed			-,247	108,959	,806	-,00916	,03717	-,08283	,06450

Foi encontrada diferença significativa nas médias de *coping* religioso positivo entre os grupos de chinesas e brasileiras ($t = -2,472$, $df = 113$, $p = 0,015$), indicando que as brasileiras têm médias de CREP significativamente maiores que as chinesas.

Os índices da Razão CREN/CREP foram maiores que 0,50 nos dois grupos e não houve diferenças significativas entre os grupos ($t = -0,246$, $df = 113$, $p = 0,807$).

Tabela 26. Índices de Coping Religioso positivo

		Group Statistics			
	Cultura	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
P1	Chinesas	64	3,5964	,79588	,09948
	Brasileiras	51	4,0398	,52114	,07297
P2	Chinesas	64	2,6391	,81642	,10205
	Brasileiras	51	3,0392	,64872	,09084
P3	Chinesas	64	3,0969	,64241	,08030
	Brasileiras	51	3,2706	,68214	,09552
P4	Chinesas	64	4,1297	,54122	,06765
	Brasileiras	51	4,4549	,52927	,07411
P5	Chinesas	64	3,2969	,66200	,08275
	Brasileiras	51	3,7794	,61573	,08622
P6	Chinesas	64	3,5411	,73507	,09188
	Brasileiras	51	3,3120	,95343	,13351
P7	Chinesas	63	3,4222	,96634	,12175
	Brasileiras	51	3,7778	,93157	,13045

Tabela 27. Independent Sample Test - Índices de *Coping* Religioso Positivo

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
P1	Equal variances assumed	2,242	,137	-3,434	113	,001	-,44340	,12914	-,69924	-,18755
	Equal variances not assumed			-3,594	109,200	,000	-,44340	,12338	-,68793	-,19887
P2	Equal variances assumed	4,405	,038	-2,854	113	,005	-,40015	,14019	-,67790	-,12241
	Equal variances not assumed			-2,929	113,000	,004	-,40015	,13662	-,67083	-,12947
P3	Equal variances assumed	,574	,450	-1,402	113	,164	-,17371	,12394	-,41926	,07183
	Equal variances not assumed			-1,392	104,302	,167	-,17371	,12479	-,42116	,07374
P4	Equal variances assumed	,514	,475	-3,233	113	,002	-,32521	,10060	-,52453	-,12590
	Equal variances not assumed			-3,241	108,341	,002	-,32521	,10035	-,52411	-,12632
P5	Equal variances assumed	1,202	,275	-4,005	113	,000	-,48254	,12049	-,72126	-,24382
	Equal variances not assumed			-4,038	110,277	,000	-,48254	,11950	-,71936	-,24571
P6	Equal variances assumed	4,338	,040	1,455	113	,148	,22913	,15743	-,08277	,54104
	Equal variances not assumed			1,414	92,172	,161	,22913	,16207	-,09274	,55101
P7	Equal variances assumed	1,341	,249	-1,985	112	,050	-,35562	,17913	-,71054	-,00070
	Equal variances not assumed			-1,993	108,595	,049	-,35562	,17843	-,70928	-,00196

Diferenças significativas nos fatores P1, P2, P4 e P5. Em todos esses as brasileiras obtiveram médias significativamente superiores às chinesas: P1 ($t = -3,434$, $df = 113$, $p = 0,0001$); P2 ($t = -2,854$, $df = 113$, $p = 0,005$); P4 ($t = -3,233$, $df = 113$, $p = 0,002$); P5 ($t = -4,005$, $df = 113$, $p < 0,0001$).

Tabela 28. Fatores Negativos de *Coping* Religioso por Grupo

		Group Statistics			
Cultura	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	
N1	Chinesas	64	1,5156	,50872	,06359
	Brasileiras	51	1,3535	,46054	,06449
N2	Chinesas	64	3,2719	2,55244	,31905
	Brasileiras	51	3,2039	,83360	,11673
N3	Chinesas	64	1,8203	,64160	,08020
	Brasileiras	51	1,7647	,73385	,10276
N4	Chinesas	64	2,4631	,85549	,10694
	Brasileiras	51	2,9569	1,03079	,14434

Tabela 29. Independent Sample Test - Fatores Negativos de *Coping* Religioso por Grupo

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
N1	Equal variances assumed	,379	,539	1,770	113	,079	,16210	,09160	-,01938	,34357
	Equal variances not assumed			1,790	111,124	,076	,16210	,09057	-,01737	,34156
N2	Equal variances assumed	,574	,450	,182	113	,856	,06795	,37257	-,67017	,80608
	Equal variances not assumed			,200	79,206	,842	,06795	,33974	-,60825	,74416
N3	Equal variances assumed	,737	,392	,433	113	,666	,05561	,12838	-,19874	,30995
	Equal variances not assumed			,427	100,013	,671	,05561	,13035	-,20301	,31422
N4	Equal variances assumed	,663	,417	-2,807	113	,006	-,49374	,17590	-,84222	-,14525
	Equal variances not assumed			-2,749	96,805	,007	-,49374	,17964	-,85027	-,13720

O teste t demonstra diferença significativa apenas no fator N4 ($t = -2,807$, $df = 113$, $p = 0,006$), o que significa que as brasileiras tendem a valerem-se de um estilo de reavaliação negativa de significado.

4.4.6. Tempo de Cristianismo e *Coping*

Quando correlacionamos as variáveis “tempo de cristianismo” e os fatores de coping, buscando encontrar alguma diferença entre o *coping* nas diferentes faixas de tempo de cristianismo, encontramos que não há diferenças significativas nem quando comparados os dois grupos (chinesas e brasileiras) [Tempo de Cristianismo e CREP: $\chi^2 = 429,174$, $df = 413$, $p = 0,406$; Tempo de Cristianismo e CREN: $\chi^2 = 253,390$, $df = 252$, $p = 0,464$; Tempo de Cristianismo e CRE Total: $\chi^2 = 562,811$, $df = 595$, $p = 0,824$; Tempo de Cristianismo e RAZÃO N/P: $\chi^2 = 360,540$, $df = 378$, $p = 0,731$], nem quando cada um desses grupos são avaliados independentemente [entre chinesas: Tempo de Cristianismo e CREP: $\chi^2 = 321,422$, $df = 294$, $p = 0,130$; Tempo de Cristianismo e CREN: $\chi^2 = 148,401$, $df = 175$, $p = 0,929$; Tempo de Cristianismo e CRE INV: $\chi^2 = 178,630$, $df = 203$, $p = 0,890$; Tempo de Cristianismo e CRE Total: $\chi^2 = 380,471$, $df = 371$, $p = 0,356$; Tempo de Cristianismo e RAZÃO N/P: $\chi^2 = 282,335$, $df = 266$, $p = 0,235$; entre as brasileiras: Tempo de Cristianismo e CREP: $\chi^2 = 212,685$, $df = 216$, $p = 0,551$; Tempo de Cristianismo e CREN: $\chi^2 = 153,662$, $df = 162$, $p = 0,668$; Tempo de Cristianismo e CRE INV: $\chi^2 = 158,513$, $df = 144$, $p = 0,193$; Tempo de Cristianismo e CRE Total: $\chi^2 = 273,722$, $df = 258$, $p = 0,240$; Tempo de Cristianismo e RAZÃO N/P: $\chi^2 = 186,103$, $df = 198$, $p = 0,718$).

Na amostra total de ambos os grupos:

Tabela 30. Cristianismo Faixas * CREP

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	419,174(a)	413	,406
Likelihood Ratio	296,800	413	1,000
Linear-by-Linear Association	,157	1	,692
N of Valid Cases	115		

a 480 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,03.

Tabela 31. Cristianismo Faixas * CREN

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	253,390(a)	252	,464
Likelihood Ratio	198,392	252	,995
Linear-by-Linear Association	,000	1	,989
N of Valid Cases	115		

a 296 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,03.

Tabela 32. Cristianismo Faixas * CRE TOTAL**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	562,811(a)	595	,824
Likelihood Ratio	365,628	595	1,000
Linear-by-Linear Association	,059	1	,808
N of Valid Cases	115		

a 688 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,03.

Tabela 33. Cristianismo Faixas * RAZAO N/P**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	360,640(a)	378	,731
Likelihood Ratio	266,530	378	1,000
Linear-by-Linear Association	,019	1	,889
N of Valid Cases	115		

a 440 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,03.

Entre Chinesas

Na amostra total

Tabela 34. Cristianismo Faixas * CREP

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	321,422(a)	294	,130
Likelihood Ratio	193,339	294	1,000
Linear-by-Linear Association	,088	1	,767
N of Valid Cases	64		

a 344 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,02.

Tabela 35. Cristianismo Faixas * CREN

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	148,401(a)	175	,929
Likelihood Ratio	119,020	175	1,000
Linear-by-Linear Association	,024	1	,877
N of Valid Cases	64		

a 208 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,02.

Tabela 36. Cristianismo Faixas * CREN INV**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	178,630(a)	203	,890
Likelihood Ratio	133,791	203	1,000
Linear-by-Linear Association	2,512	1	,113
N of Valid Cases	64		

a 240 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,02.

Tabela 37. Cristianismo Faixas * CRE TOTAL**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	380,471(a)	371	,356
Likelihood Ratio	208,615	371	1,000
Linear-by-Linear Association	,296	1	,586
N of Valid Cases	64		

a 432 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,02.

Tabela 38. Cristianismo Faixas * RAZÃO N/P

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	282,335(a)	266	,235
Likelihood Ratio	168,926	266	1,000
Linear-by-Linear Association	,044	1	,834
N of Valid Cases	64		

a 312 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,02.

Entre Brasileiras

Tabela 39. Cristianismo Faixas * CREP

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	212,685(a)	216	,551
Likelihood Ratio	142,838	216	1,000
Linear-by-Linear Association	,406	1	,524
N of Valid Cases	51		

a 259 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,04.

Tabela 40. Cristianismo Faixas * CREN**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	153,662(a)	162	,668
Likelihood Ratio	118,426	162	,996
Linear-by-Linear Association	,372	1	,542
N of Valid Cases	51		

a 196 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,04.

Tabela 41. Cristianismo Faixas * CREN INV**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	158,513(a)	144	,193
Likelihood Ratio	120,152	144	,927
Linear-by-Linear Association	,010	1	,922
N of Valid Cases	51		

a 175 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,04.

Tabela 42. Cristianismo Faixas * CRE TOTAL**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	273,722(a)	258	,240
Likelihood Ratio	164,339	258	1,000
Linear-by-Linear Association	,608	1	,435
N of Valid Cases	51		

a 308 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,04.

Tabela 43. Cristianismo Faixas * RAZAO N/P**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	186,103(a)	198	,718
Likelihood Ratio	135,061	198	1,000
Linear-by-Linear Association	,187	1	,666
N of Valid Cases	51		

a 238 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,04.

4.4.7. Comparação das respostas da Escala CRE-Breve analisadas separadamente de cada grupo.

Foi encontrada diferença significativa, nas seguintes questões, Q1: $t=-3,507$, $df=113$, $p=0,001$ (bicaudal); Q2: $t=-3,082$, $df=113$, $p=0,003$; Q6: $t=-3,231$, $df=113$, $p=0,002$; Q10: $t=-3,462$, $df=113$, $p=0,001$; Q12: $t=-2,138$, $df=113$, $p=0,035$; Q13: $t=-2,534$, $df=113$, $p=0,013$; Q15: $t=-3,976$, $df=113$, $p=0,000$; Q16: $t=-3,042$, $df=113$, $p=0,003$; Q17: $t=2,746$, $df=113$, $p=0,007$; Q20: $t=-3,167$, $df=113$, $p=0,002$; Q23: $t=-3,135$, $df=113$, $p=0,002$; Q24: $t=2,109$, $df=113$, $p=0,037$; Q27: $t=-2,570$, $t=df=113$, $p=0,011$; Q30: $t=-2,458$, $df=113$, $p=0,015$; Q34: $t=-2,976$, $df=113$, $p=0,004$; Q35: $t=-2,907$, $df=113$, $p=0,04$; Q37: $t=1,991$, $df=113$, $p=0,049$; Q40: $t=-4,709$, $df=113$, $p=0,00$; Q41: $t=-3,100$, $df=113$, $p=0,002$; Q42: $t=-4,679$, $df=113$, $p=0,000$; Q43: $t=4,046$, $df=113$, $p=0,00$; Q46: $t=-3,132$, $df=113$, $p=0,002$; Q47: $t=-3,139$, $df=113$, $p=0,02$; Q48: $t=3,046$, $df=113$, $p=0,03$; Q49: $t=-2,220$, $df=113$, $p=0,28$. Indicando em suas Médias que as chinesas taiwanesas, nas Questões 17, 24, 37, 43 e 48 pontuaram mais que as brasileiras.

Tabela 44. Group Statistics

Cultura	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Q1 Chinesas	64	3,44	,774	,097
Brasileiras	51	3,90	,608	,085
Q2 Chinesas	64	4,11	,693	,087
Brasileiras	51	4,49	,612	,086
Q3 Chinesas	64	2,94	,974	,122
Brasileiras	51	3,04	,999	,140
Q4 Chinesas	64	3,03	,755	,094
Brasileiras	51	3,04	1,076	,151
Q5 Chinesas	64	2,23	1,269	,159
Brasileiras	51	2,39	1,387	,194
Q6 Chinesas	64	3,97	,835	,104
Brasileiras	51	4,41	,572	,080
Q7 Chinesas	64	2,41	1,019	,127
Brasileiras	51	2,27	1,078	,151
Q8 Chinesas	64	3,78	1,031	,129

	Brasileiras	51	3,92	1,129	,158
Q9	Chinesas	64	2,80	1,129	,141
	Brasileiras	51	2,84	1,189	,167
Q10	Chinesas	64	2,22	1,031	,129
	Brasileiras	51	2,86	,939	,131
Q11	Chinesas	64	1,83	1,001	,125
	Brasileiras	51	1,96	1,076	,151
Q12	Chinesas	64	3,70	,903	,113
	Brasileiras	51	4,04	,747	,105
Q13	Chinesas	64	2,33	1,070	,134
	Brasileiras	51	2,88	1,275	,179
Q14	Chinesas	64	2,92	,860	,108
	Brasileiras	51	2,98	1,175	,164
Q15	Chinesas	64	2,30	1,094	,137
	Brasileiras	51	3,12	1,107	,155
Q16	Chinesas	64	3,72	,917	,115
	Brasileiras	51	4,22	,808	,113
Q17	Chinesas	64	2,06	,852	,107
	Brasileiras	51	1,61	,918	,129
Q18	Chinesas	64	3,09	,971	,121
	Brasileiras	51	3,45	,986	,138
Q19	Chinesas	64	1,70	,885	,111
	Brasileiras	51	1,90	1,082	,151
Q20	Chinesas	64	4,03	,616	,077
	Brasileiras	51	4,41	,669	,094
Q21	Chinesas	64	3,88	,826	,103
	Brasileiras	51	3,96	1,019	,143

Q22	Chinasas	64	2,39	1,136	,142
	Brasileiras	51	2,73	1,313	,184
Q23	Chinasas	64	2,30	1,108	,139
	Brasileiras	51	3,00	1,296	,181
Q24	Chinasas	64	3,58	1,020	,128
	Brasileiras	51	3,10	1,418	,199
Q25	Chinasas	64	3,63	,934	,117
	Brasileiras	51	3,88	,765	,107
Q26	Chinasas	64	4,20	,876	,110
	Brasileiras	51	4,49	,612	,086
Q27	Chinasas	64	4,19	,664	,083
	Brasileiras	51	4,49	,579	,081
Q28	Chinasas	64	1,61	,970	,121
	Brasileiras	51	1,63	1,019	,143
Q29	Chinasas	64	3,17	1,176	,147
	Brasileiras	51	3,49	1,173	,164
Q30	Chinasas	64	4,31	,814	,102
	Brasileiras	51	4,65	,594	,083
Q31	Chinasas	64	2,67	1,415	,177
	Brasileiras	51	2,71	1,285	,180
Q32	Chinasas	64	1,28	,678	,085
	Brasileiras	51	1,08	,337	,047
Q33	Chinasas	64	1,39	,919	,115
	Brasileiras	51	1,27	,695	,097
Q34	Chinasas	64	3,83	1,032	,129
	Brasileiras	51	4,33	,712	,100
Q35	Chinasas	64	3,98	,807	,101

	Brasileiras	51	4,41	,753	,105
Q36	Chinesas	64	1,89	1,274	,159
	Brasileiras	51	1,92	1,230	,172
Q37	Chinesas	64	1,92	1,212	,152
	Brasileiras	51	1,51	,946	,132
Q38	Chinesas	64	3,67	,977	,122
	Brasileiras	51	3,25	1,278	,179
Q39	Chinesas	64	3,06	1,037	,130
	Brasileiras	51	3,06	1,173	,164
Q40	Chinesas	64	3,72	,881	,110
	Brasileiras	51	4,43	,700	,098
Q41	Chinesas	64	3,50	1,008	,126
	Brasileiras	51	4,08	,977	,137
Q42	Chinesas	64	2,33	1,322	,165
	Brasileiras	51	3,45	1,222	,171
Q43	Chinesas	64	1,89	,838	,105
	Brasileiras	51	1,31	,648	,091
Q44	Chinesas	64	1,47	,816	,102
	Brasileiras	51	1,33	,792	,111
Q45	Chinesas	64	3,08	1,145	,143
	Brasileiras	51	3,27	1,097	,154
Q46	Chinesas	64	3,80	,946	,118
	Brasileiras	51	4,31	,787	,110
Q47	Chinesas	64	3,73	,963	,120
	Brasileiras	51	4,25	,771	,108
Q48	Chinesas	64	1,47	,712	,089
	Brasileiras	51	1,14	,348	,049

Q49	Chinasas	64	3,17	1,106	,138
	Brasileiras	51	3,63	1,076	,151

Tabela 45. Independent Samples Test - Group Statistics

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Q1	Equal variances assumed	14,031	,000	-3,507	113	,001	-,464	,132	-,727	-,202
	Equal variances not assumed			-3,603	112,985	,000	-,464	,129	-,720	-,209
Q2	Equal variances assumed	2,070	,153	-3,082	113	,003	-,381	,124	-,626	-,136
	Equal variances not assumed			-3,125	111,749	,002	-,381	,122	-,622	-,139
Q3	Equal variances assumed	,004	,952	-,550	113	,583	-,102	,185	-,468	,265
	Equal variances not assumed			-,548	106,097	,585	-,102	,185	-,469	,266
Q4	Equal variances assumed	9,446	,003	-,047	113	,963	-,008	,171	-,347	,331
	Equal variances not assumed			-,045	86,382	,964	-,008	,178	-,361	,346
Q5	Equal variances assumed	1,154	,285	-,636	113	,526	-,158	,248	-,650	,334
	Equal variances not assumed			-,629	102,708	,531	-,158	,251	-,655	,340
Q6	Equal variances assumed	,040	,842	-3,231	113	,002	-,443	,137	-,715	-,171

	Equal variances not assumed			-3,367	110,674	,001	-,443	,132	-,704	-,182
Q7	Equal variances assumed	,294	,588	,671	113	,504	,132	,196	-,257	,521
	Equal variances not assumed			,667	104,488	,506	,132	,198	-,260	,524
Q8	Equal variances assumed	,002	,962	-,695	113	,488	-,140	,202	-,540	,260
	Equal variances not assumed			-,688	102,589	,493	-,140	,204	-,545	,264
Q9	Equal variances assumed	,101	,751	-,213	113	,832	-,046	,217	-,476	,384
	Equal variances not assumed			-,212	104,742	,833	-,046	,218	-,479	,387
Q10	Equal variances assumed	1,193	,277	-3,462	113	,001	-,644	,186	-1,013	-,275
	Equal variances not assumed			-3,499	110,957	,001	-,644	,184	-1,009	-,279
Q11	Equal variances assumed	,014	,906	-,683	113	,496	-,133	,194	-,518	,252
	Equal variances not assumed			-,677	103,606	,500	-,133	,196	-,521	,256
Q12	Equal variances assumed	3,318	,071	-2,138	113	,035	-,336	,157	-,648	-,025
	Equal variances not assumed			-2,184	112,821	,031	-,336	,154	-,641	-,031
Q13	Equal variances assumed	2,458	,120	-2,534	113	,013	-,554	,219	-,988	-,121
	Equal variances not assumed			-2,484	97,485	,015	-,554	,223	-,997	-,112
Q14	Equal variances assumed	4,242	,042	-,308	113	,758	-,059	,190	-,435	,318
	Equal variances not assumed			-,298	88,970	,767	-,059	,196	-,449	,332
Q15	Equal variances assumed	,947	,333	-3,976	113	,000	-,821	,206	-1,230	-,412
	Equal variances not			-3,971	106,759	,000	-,821	,207	-1,231	-,411

	assumed									
Q16	Equal variances assumed	,809	,370	-3,042	113	,003	-,497	,163	-,821	-,173
	Equal variances not assumed			-3,086	111,818	,003	-,497	,161	-,816	-,178
Q17	Equal variances assumed	1,803	,182	2,746	113	,007	,455	,166	,127	,783
	Equal variances not assumed			2,723	103,495	,008	,455	,167	,124	,786
Q18	Equal variances assumed	,232	,631	-1,946	113	,054	-,357	,184	-,721	,006
	Equal variances not assumed			-1,943	106,617	,055	-,357	,184	-,722	,007
Q19	Equal variances assumed	3,292	,072	-1,084	113	,281	-,199	,183	-,562	,164
	Equal variances not assumed			-1,060	95,917	,292	-,199	,188	-,571	,174
Q20	Equal variances assumed	6,996	,009	-3,167	113	,002	-,381	,120	-,619	-,142
	Equal variances not assumed			-3,138	103,121	,002	-,381	,121	-,621	-,140
Q21	Equal variances assumed	,905	,343	-,499	113	,619	-,086	,172	-,427	,255
	Equal variances not assumed			-,487	95,336	,627	-,086	,176	-,435	,264
Q22	Equal variances assumed	1,292	,258	-1,466	113	,145	-,335	,228	-,787	,118
	Equal variances not assumed			-1,442	99,367	,152	-,335	,232	-,796	,126
Q23	Equal variances assumed	2,830	,095	-3,135	113	,002	-,703	,224	-1,148	-,259
	Equal variances not assumed			-3,080	98,647	,003	-,703	,228	-1,156	-,250
Q24	Equal variances assumed	9,666	,002	2,109	113	,037	,480	,228	,029	,931
	Equal variances not assumed			2,034	87,914	,045	,480	,236	,011	,949

Q25	Equal variances assumed	4,613	,034	-1,587	113	,115	-,257	,162	-,579	,064
	Equal variances not assumed			-1,623	112,901	,107	-,257	,159	-,571	,057
Q26	Equal variances assumed	3,030	,084	-1,985	113	,050	-,287	,145	-,574	,000
	Equal variances not assumed			-2,064	111,240	,041	-,287	,139	-,563	-,011
Q27	Equal variances assumed	,250	,618	-2,570	113	,011	-,303	,118	-,536	-,069
	Equal variances not assumed			-2,610	112,048	,010	-,303	,116	-,532	-,073
Q28	Equal variances assumed	,274	,601	-,097	113	,923	-,018	,186	-,387	,351
	Equal variances not assumed			-,097	104,858	,923	-,018	,187	-,389	,353
Q29	Equal variances assumed	,018	,894	-1,444	113	,152	-,318	,220	-,755	,118
	Equal variances not assumed			-1,444	107,472	,152	-,318	,220	-,755	,119
Q30	Equal variances assumed	2,281	,134	-2,458	113	,015	-,335	,136	-,604	-,065
	Equal variances not assumed			-2,545	112,202	,012	-,335	,131	-,595	-,074
Q31	Equal variances assumed	1,121	,292	-,133	113	,894	-,034	,255	-,539	,471
	Equal variances not assumed			-,135	111,025	,893	-,034	,252	-,534	,466
Q32	Equal variances assumed	15,241	,000	1,952	113	,053	,203	,104	-,003	,409
	Equal variances not assumed			2,091	96,493	,039	,203	,097	,010	,395
Q33	Equal variances assumed	1,862	,175	,747	113	,456	-,116	,155	-,192	,424
	Equal variances not assumed			,771	112,721	,442	,116	,151	-,182	,414
Q34	Equal variances	3,235	,075	-2,976	113	,004	-,505	,170	-,842	-,169

	assumed									
	Equal variances not assumed			-3,099	110,879	,002	-505	,163	-828	-182
Q35	Equal variances assumed	3,100	,081	-2,907	113	,004	-427	,147	-719	-136
	Equal variances not assumed			-2,930	110,147	,004	-427	,146	-717	-138
Q36	Equal variances assumed	,018	,894	-131	113	,896	-031	,236	-498	,436
	Equal variances not assumed			-132	108,864	,895	-031	,235	-496	,434
Q37	Equal variances assumed	3,222	,075	1,991	113	,049	,412	,207	,002	,822
	Equal variances not assumed			2,047	112,960	,043	,412	,201	,013	,811
Q38	Equal variances assumed	7,316	,008	1,983	113	,050	,417	,210	,000	,834
	Equal variances not assumed			1,925	91,619	,057	,417	,217	-013	,847
Q39	Equal variances assumed	1,164	,283	,018	113	,986	,004	,206	-405	,413
	Equal variances not assumed			,018	100,670	,986	,004	,209	-411	,419
Q40	Equal variances assumed	1,279	,261	-4,709	113	,000	-713	,151	-1,012	-413
	Equal variances not assumed			-4,832	113,000	,000	-713	,147	-1,005	-420
Q41	Equal variances assumed	,865	,354	-3,100	113	,002	-578	,187	-948	-209
	Equal variances not assumed			-3,111	108,731	,002	-578	,186	-947	-210
Q42	Equal variances assumed	,657	,419	-4,679	113	,000	-1,123	,240	-1,598	-647
	Equal variances not assumed			-4,721	110,493	,000	-1,123	,238	-1,594	-652
Q43	Equal variances assumed	2,638	,107	4,046	113	,000	,577	,143	,294	,859

	Equal variances not assumed			4,164	112,911	,000	,577	,139	,302	,851
Q44	Equal variances assumed	,852	,358	,896	113	,372	,135	,151	-,164	,435
	Equal variances not assumed			,899	108,674	,371	,135	,151	-,163	,434
Q45	Equal variances assumed	,491	,485	-,931	113	,354	-,196	,211	-,614	,222
	Equal variances not assumed			-,935	109,195	,352	-,196	,210	-,612	,220
Q46	Equal variances assumed	,264	,608	-3,132	113	,002	-,517	,165	-,844	-,190
	Equal variances not assumed			-3,198	112,768	,002	-,517	,162	-,837	-,197
Q47	Equal variances assumed	1,558	,215	-3,139	113	,002	-,521	,166	-,849	-,192
	Equal variances not assumed			-3,219	112,996	,002	-,521	,162	-,841	-,200
Q48	Equal variances assumed	35,273	,000	3,046	113	,003	,331	,109	,116	,547
	Equal variances not assumed			3,268	95,543	,002	,331	,101	,130	,533
Q49	Equal variances assumed	,739	,392	-2,220	113	,028	-,456	,205	-,862	-,049
	Equal variances not assumed			-2,227	108,562	,028	-,456	,205	-,861	-,050

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Antes de abordar os dados obtidos a partir das escalas propriamente ditas, vale ressaltar alguns aspectos claramente distintos do comportamento dos grupos durante a aplicação dos

questionários, que apontam para traços relacionados à literatura que fundamentou a pesquisa, ainda que não tenha um caráter estatístico significativo.

No primeiro deles, a postura frente ao questionário, as mulheres chinesas taiwanesas demonstraram perceber a importância da pesquisa, e além de uma dedicação em entender apropriadamente as questões, perguntando detalhes à pesquisadora, ao se comprometerem a responder durante o período do almoço, após a cerimônia religiosa dos domingos (costume das igrejas chinesas taiwanesas), faziam esforço em procurar a pesquisadora chegando ao ponto de enviarem alguns questionários posteriormente via correio.

Outra diferença que chamou a atenção no momento da tabulação dos dados é que as mulheres de origem chinesa taiwanesa não se intimidaram com a falta de opções do questionário, sendo que 4 respondentes simplesmente acrescentaram opções ao questionário, como ocorreu em dois questionários onde a opção “língua inglesa/portuguesa” foi acrescentada como língua usada em entretenimentos e outras duas respondentes acrescentaram a língua “mandarim” às opções.

Outra diferença surpreendente foi a dificuldade enfrentada com a amostra brasileira. Ao iniciar a tabulação dos dados, vários questionários (10 questionários) precisaram ser desconsiderados por se tratarem de netas de estrangeiros como Portugueses e Italianos. Enquanto nos questionários destinados as chinesas taiwanesas, somente um foi desconsiderado por ter avôs indonésios. Vale lembrar que a população de Taiwan, possui contingente de diferentes origens em consequência de sua história, como por exemplo, os

chineses que vieram da China Nacionalista (Continental) fugidos do regime comunista dentre outros, e os Hakas, grupo étnico distinto em Taiwan, entre outros.

Com a necessidade de repor os questionários desconsiderados, de brasileiras, mencionados anteriormente, foi enviado email com o questionário à várias mulheres brasileiras que se dispuseram a respondê-lo, em torno de 15, porém destas somente uma mulher respondeu.

Cumprindo a proposta inicial do trabalho, a amostra foi dividida em 4 grupos distintos, conforme a idade média de cada grupo, nas diferentes culturas, a fim de controlar a variável, idade, para comparação mais efetiva no *coping* religioso. A idade poderia ser fator de interferência em ambos os aspectos, religioso e cultural, como uma intensificação da religiosidade com o aumento da idade, apontado por Zenevitz e colegas (2013), por exemplo. Porém, não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos de idades no *coping* religioso. Desta forma as análises foram realizadas entre os grupos de diferentes origens culturais brasileiras e chinesas taiwanesas, independente de suas idades.

A Escala de Aculturação respondida pelo grupo de mulheres chinesas taiwanesas para avaliação do processo de aculturação não correspondeu à expectativa da pesquisadora. Os dados revelaram que a maioria das mulheres chinesas foi distribuída entre os grupos “pouco aculturadas” (32,8%) e “medianamente aculturadas” (40,6%), ainda que nos dados relacionados à qual língua dão preferência para a língua portuguesa, para a leitura da Bíblia (62,5%), para a oração (56,3%), e como língua preferida para ouvirem mensagens (56,3%), demonstrando direção contrária da aculturação na religiosidade, espiritualidade.

Outro aspecto que demonstrou diferença entre os grupos, foi como conheceram o cristianismo. As mulheres de origem chinesa conheceram através dos pais ou familiares em 64,1%, enquanto as brasileiras 41,2% conheceram através de amigos e 45,1% através de pais e outros parentes. O aspecto cultural pode ser uma forma de avaliarmos estes dados, concordando com o trabalho desenvolvido por Sang (2003) sobre a devoção filial fortemente presente da cultura chinesa.

Os índices de *coping* religioso entre chinesas e brasileiras demonstraram o uso de *Coping* Positivo em ambos os grupos, porém as mulheres brasileiras pontuaram significativamente mais que as chinesas taiwanesas, nos fatores: Transformação de si/sua vida (P1), Busca de ajuda espiritual (P2), Posição positiva frente a Deus (P4) e Busca do outro institucional (P5). Uma possível interpretação desta diferença, pode ser devido às emoções serem aprendidas em contexto cultural, como mencionado anteriormente no trabalho (no capítulo I).

As mulheres chinesas dão menos intensidade às suas respostas que demonstrariam uma exposição maior de sua individualidade, correspondendo à construção sociocultural quanto às emoções ameaçarem o equilíbrio do grupo. As emoções com caráter individual intensificadas seriam desengajadoras do grupo social.

As mulheres brasileiras demonstraram que fazem uso do Fator Negativo de Coping N4 ($t = -2,807$, $df = 113$, $p = 0,006$), “Reavaliação Negativa de Significado”. Esse título é questionável para o Fator quando observamos as questões envolvidas no mesmo, que são: 9 “Imaginei se Deus permitiu que isso me acontecesse por causa dos meus erros”; 13 “Convenci-me que forças do mal atuaram para tudo isso acontecer”; e 23 “Senti que o mal estava tentando me afastar de Deus”.

Esse valor no Fator N4 pode ser devido ao contexto social distinto protestante, da amostra. Toda a amostra de origem chinesa taiwanesa foi composta por mulheres pertencentes a igrejas Presbiterianas. A amostra brasileira possui diferentes representações denominacionais, além das presbiterianas, excluindo igrejas pentecostais e neopentecostais. Duas das três perguntas dizem respeito à crença em forças malignas, assunto não enfatizado nas igrejas de doutrina presbiteriana em geral, podendo acarretar baixa pontuação neste Fator por parte das mulheres chinesas taiwanesas.

Para uma averiguação mais precisa de possíveis diferenças culturais que pudessem passar despercebidas quando avaliadas pelos Fatores Positivos e Negativos, já que estes envolvem diferentes questões, foram comparadas as respostas de cada pergunta da Escala CRE-Breve entre os grupos culturais.

Apresentaram diferenças significativamente maiores as chinesas taiwanesas, nas questões: 17 “Tentei lidar com meus sentimentos sem pedir ajuda de Deus”; 24 “Entreguei a situação para Deus depois de fazer tudo que podia”; 37 “Questionei se Deus realmente se importava; 43 “Tentei lidar com a situação do meu jeito”; 48 “Culpei Deus por ter deixado acontecer”.

A pontuação mais alta no grupo de origem chinesa taiwanesa na pergunta 37, “questionei se Deus realmente se importava”, (Médias 1,92 e 1,51) pode ser interpretada como a presença do fator cultural na construção do *Self*, como descrito no Capítulo 4. A individualidade do problema e do stress coloca em dúvida quanto ao valor dado a esse por

Deus, já que não compromete o grupo social e/ou familiar em seu equilíbrio. Estando as emoções sob minha própria responsabilidade de controle, a questão 17 “Tentei lidar com meus sentimentos sem pedir ajuda de Deus”, também apresentou Média maior entre as chinesas (Médias 2,06 e 1,61).

Outra forma de entendermos a alta pontuação na questão 37 pode ser a mesma para compreender a questão 48 (Médias 1,47 e 1,14), “Culpei Deus por ter deixado acontecer”. Ambas podem ter sofrido influência do sistema de orientação familiar chinês, no qual a pessoa com maior autoridade sabe mais, e suas decisões são inquestionáveis, além de ser emocionalmente distante, como vemos na descrição na pesquisa de Sang (2009), na relação entre pais e filhos.

Ainda que a Escala CRE- Breve não contemple os estilos de *coping* (capítulo 3), as Médias maiores no grupo de origem chinesa nas questões 43 (Médias 1,89 e 1,31), “Tentei lidar com a situação do meu jeito” e 24 “Entreguei a situação para Deus depois de fazer tudo que podia” (Médias 3,58 e 3,10), revelam que as chinesas taiwanesas tendem a não delegarem a Deus a resolução de situações estressantes, a não ser que elas já tenham feito tudo o que estava a seu alcance, podendo-se afirmar que o *locus* de controle é de *autodireção*, considerando o indivíduo ativo em sua potencialidade, para somente delegar quando todas as possibilidades já foram exploradas.

Poderíamos interpretar através dos dados obtidos quanto a aculturação das mulheres chinesas taiwanesas, segundo a definição de Berry, como um modelo intermediário entre

integração e segregação. A identidade cultural de origem chinesa taiwanesa se mantém ao mesmo tempo em que há uma adequação do indivíduo à cultura brasileira receptora, tendo participação entre os dois mundos culturais, mas ao mesmo tempo mantendo a cultura chinesa taiwanesa em aspectos sociais básicos promovendo separação, conforme os dados apresentados. Derrick W. Klaassen et al., responsáveis pelo capítulo do livro *Manual de Perspectiva Multicultural em stress e Coping* com o título “Avanços no estudo sobre *coping* religioso e espiritual”, afirmam que a integração (aculturação bicultural, nome usado por ele) é vista como o mais favorável para a saúde mental e ajustamento.

A partir dos resultados obtidos, a hipótese da pesquisa é confirmada: as mulheres chinesas taiwanesas apresentam em sua forma religiosa de enfrentar (*coping*) momentos de stress, traços de sua cultura, ainda que estejam em contexto religioso cristão e no contexto cultural distinto do de sua origem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sproviero (2004) chama a atenção do leitor logo no início de seu *trabalho A participação dos Chineses nas Américas: Brasil e Estados Unidos em Comparação*, para o fato de que os chineses são o maior número de imigrantes do mundo. Podemos considerar que estudos vêm se voltando para a presença dos chineses em nosso meio brasileiro, como os artigos da *China em Estudo* e *Revista de Estudos Orientais* (ambos na FFLCH- USP) e os estudos como de Sang (2007e 2009), dos Professores Shyu e Jye (2008) com relação à língua chinesa, mas muitos desafios ainda se colocam diante de nós.

Foi possível através da presente pesquisa transpor algo da experiência da religiosidade das mulheres brasileiras e chinesas taiwanesas, para uma forma mais objetiva através do *coping*, e perceber que sinais da presença da construção social cultural se revela na forma pessoal como estas mulheres lidam (*coping*) religiosamente com o stress, ainda que pertencentes a instituições cristãs.

Diferenças foram apresentadas na intensidade em que as mulheres chinesas taiwanesas responderam as questões, mesmo obtendo um estilo de *coping* Positivo, como as mulheres brasileiras. Também em algumas questões, as mulheres chinesas taiwanesas apresentaram diferença em sua postura na relação pessoal com Deus, como quando exauriam suas possibilidades de resolução do problema para então buscar ajuda divina, sendo mais proativas, e também quando duvidaram se Deus realmente se importava com seu problema. Essa relação que reflete as relações de autoridade aprendidas na cultura chinesa.

Segundo Triandis (1988), a atitude de conformidade pode ocorrer com maior frequência em culturas coletivistas, com indivíduos de postura allocêntrica, porém na presente amostra as mulheres se posicionaram ativamente para a resolução do problema, mesmo tendo os recursos da religiosidade a sua disposição. Essa diferença que demanda pesquisas futuras com maior enfoque nas experiências destas mulheres.

Consciente que a Escala CRE- Breve elucidou somente alguns aspectos distintos do *coping*, podemos pensar nestes como ponto de partida para futuras pesquisas, especialmente quando há sinais de que a cultura chinesa taiwanesa, demonstra a tendência de permanecer

de alguma forma nos imigrantes, como descrito anteriormente, em uma aculturação de forma intermediária entre *integração e segregação*. Uma possível explicação a esse fato pode ser a característica cultural do pragmatismo da cultura chinesa. Para me inserir no novo contexto cultural preciso me adequar, e desta forma, o desejo de manutenção do equilíbrio e harmonia social permanece presente, mas configurado no novo contexto brasileiro.

A questão que surge é se realmente a imigração chinesa no Brasil se comporta de forma tão diferente em comparação a imigração nos Estados Unidos como afirma Sproviero (2004): há tendência dos imigrantes nos Estados Unidos em preservar a cultura chinesa, enquanto aqui há a tendência de perdê-la.

Artigo escrito por Jye (2009) e outros, afirma que o afastamento da língua do imigrante chinês, é diretamente proporcional ao processo de *integração* sócio cultural dos imigrantes. Diante dos dados obtidos das mulheres chinesas taiwanesas, a língua portuguesa é tida como tão natural, que é a língua preferida para a relação delas com Deus e em comportamentos religiosos, ainda assim, na presente amostra se revelam pouco aculturadas e medianamente aculturas em relação à cultura brasileira.

Pargamente (1997), afirma que igrejas de imigrantes, funcionam como uma forma de delimitar entre as forças externas do mundo cultural receptor e do mundo dos iguais do grupo, com o objetivo de preservar o significado, aquilo que é valioso. Essa realidade é percebida neste grupo da amostra, há a manutenção da cultura, que é fortalecida pelos encontros constantes, celebrações culturais e religiosas. Além de fortalecer, perdurar a

cultura promovendo relacionamentos matrimoniais e amizades com indivíduos de mesmo background cultural.

No trabalho de Sang & Migliavacca (2007) os jovens chineses demonstram perceber a diferença entre os taiwaneses de Taiwan e os que estão no Brasil. “A imigração dos pais os tornou conservadores e rígidos na educação... por insegurança de perder suas referências mais seguras” (p.99), esse também colabora para que ocorra a aculturação de tipo integração, o indivíduo não deixa suas características da origem cultural por insegurança.

O desafio está feito. Há a clara necessidade de novas pesquisas com grupos chineses em contextos religiosos, que já estão no Brasil como o da presente pesquisa, e também, principalmente por se tratar de um grupo que continua em processo imigratório para o Brasil. As pesquisas precisam estar atentas aos novos desafios e aqueles que têm se ampliado.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amatuzzi, M. M.(2004). O desenvolvimento da representação na religião, in Paiva, G.J. e Zangari, W. *A representação na religião*. Editora Loyola.

Antoniuzzi, A. S., Dell'aglio, D. D. & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, Natal, v.3 n.2.

Atkinson, D. R., Mortem, G & Sue, D. W. (1989). *Counseling American minorities a cross cultural perspective*. Dubuque: Wm. C. Brown Publishers.

Belzen, J. A. (2010). *Para uma psicologia cultural da Religião, Princípios, Enfoques*. Aplicação. Aparecida: Editora Idéias & Letras.

Berry, J. W. (2004). Migração, aculturação e adaptação. In DeBiaggi, S. D.& Paiva, G. J. (Eds) *Psicologia, E/Migração e Cultura*. (pp. 29-45) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Berry, J. W. and Sam, D. L. (2006). *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. United Kingdom: Cambridge Press.

Bhabha, H. K. (2001). *Vida na Fronteira: a arte do presente*. In Bhabha,H.K. *O local da cultura* (pp. 20-40). Belo Horizonte: Editora UFMG.

Chung, T. (2005). *Desvendando os segredos da cultura e estratégias da mente chinesa*. São Paulo: Novo Século Editora Ltda.

DeBiaggi, S. D. &, Paiva, G. J. (Eds.) (2004). *Psicologia E/Imigração e Cultura* São Paulo: Casa do Psicólogo.

DeBiaggi, S. D. (2002). *Changing gender roles: Brazilian imigrant families in the US*, N.Y.: LFB Scholarly Publishing LLC.

Gao, G. (1998). An initial analysis of the effects of face and concern for "other" in Chinese interpersonal communication. *Int. J. Intercultural Rel.* Vol. 22n.4, pp.467-482.

Geertz, Clifford (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora LTC.

Hood, R. W., Spilka, B., Hunsberger, B. and Gorsuch, R. (1996). *The Psychology of Religion, an Empirical Approach*. New York: The Guilford Press.

Johansen, T. (2010). *Religion and Spirituality in Psychology, an individual Psychology Perspective*. New York: Springer Publishing Company.

Jye, C. T., Shyu, D. J., Menezes Jr., A. B. (2009). Os imigrantes chineses no Brasil e sua língua *Synerges Brésil* n.7, pp57-64. Université de São Paulo.

Kitayama, S. & Markus, H. R. (1994). *Emotion and Culture, empirical studies of mutual influence*. Washington: American Psychological Association.

Lazarus, R. S., Folkman S. (1984). *Stress, appraisal and coping* Springer. New York: Publishing Company.

Lee, E. (1996). Asian American families: An overview. In McGoldrick & Giordano(Eds.). *Ethnicity and family therapy* (pp.227-248). New York: Guilford Press.

Matsumoto,D. (1994). *People, Psychology from a cultural perspective*. Pacific Grove: Brooks/Cole Publishing Company.

McGoldrick (1989). Ethnicity and the family life cycle. In Carter, B. & McGoldrick, M. (Eds.), *The changing family life cycle* (pp 69-90).Boston: Allyn and

Bacon: Boston.

McGoldrick (Eds). (1998). *Re-visioning family therapy, race, culture, and gender in clinical practice*. New York London: The Guilford Press.

McIntosh, D. N. (1997). Religion-as-schema, with implications for the Relation Between Religion and Coping in Spilka, B. and McIntosh, D. N. in *The psychology of religion, theoretical approaches*, Denver: Westview.

Mellagi, A. G. (2009). *O enfrentamento religiosos em portadores de HIV/AIDS um estudo psicossocial entre homens católicos e evangélicos* Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Nakamura, H. (1999). *Ways of thinking of Eastern Peoples India, China, Tibett, Japan*. University of Hawaii Press: Honolulu.

Paiva, G. J. (2007). Transcrições psicológicas da experiência religiosa. In: Arcuri, G.; Ancona- Lopes, M. (Eds.), *Temas em psicologia da religião*. Vetor: São Paulo, p. 59- 71.

Paiva, G. J. (1978). *Introdução à Psicologia Intercultural*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais.

Paiva, G. J. (sem data). não publicado *Introdução a Psicologia da Religião*.

Panzzini, R., Bandeira, D. (2005). *Escala de Coping Religioso- Espiritual (Escala CRE): elaboração e validação de construto*. Psicologia em Estudo Maringá, v.10, n.3, p.507.

Panzzini, R.. (2005). Validação da Escala de *Coping* Religioso/espiritual Abreviada (Escala CRE- Breve) manuscrito não publicado.

Panzzini, R., Bandeira, D. (2007). Revisão da literatura *Coping* (enfrentamento) religioso/espiritual. *Revista de Psiquiatria Clinica* 34, supl. 1; 126- 135.

Pargament, K. I. (1997). *The Psychology of Religion and Coping, theory, research, practice*. New York: The Guilford Press.

Pargament, K. I. (1995). Merely a defense? The variety of religious means and ends. *Journal of Social Issues*, 51, 13 – 32.

Pargament, K.; Ano, G. G.; Wachholtz, A. B. (2005) The religious dimension of Coping, advances in theory, research, and practice. In: Paloutzian, R.; Park, C. L.. *Psicology of religion and applied areas* New York, 2006. p. 479-495.

Spilka, B. and McIntosh, D. N. (1997) in *The psychology of religion, theoretical approaches*. Denver: Westview.

Sang, E.R. (2003). *Amor e devoção filial. Um estudo exploratório com filhos de imigrantes chineses*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Sang, E. R., & Migliavacca, E. M. (2007). Amor e devoção filiais – (XIÀSÚN) na família chinesa. *Filiação na imigração. Travessia Revista*, ano XX, (59), 43 - 46.

Shyu, David J. Y. (2000) *Estudo da linguagem na comunidade chinesa*

em São Paulo- influencia da língua portuguesa e do dialeto taiwanês na língua oficial. Dissertação de Mestrado no curso de Pós-Graduação em Lingüística da Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

Shyu, David J. Y. e Jye, Cheng T.(2008). Integração cultural dos imigrantes chineses no Brasil. *Revista de Estudos Orientais*. n.6, PP. São Paulo 215-242.

Sluzki, Carlos E. (2003). *A Rede Social na prática Sistêmica, alternativas Terapêutica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sproviero, M. B. (2004). A Participação dos Chineses nas Américas: Brasil e Estados Unidos em comparação. *China em Estudo*, FFLCH n.6, p.117-122

Triandis,H.C. (2001) Individualism-Collectivism and Personality, *Journal of Personality* 69:6.

Triandis, H. C., Bomtempo, R., Villareal, M. J., Asai, M. & Lucca, N. (1988). Individualism and Colletivism: cross-cul.: *Journal of Personality and Social Psychology*, 54 (2), 323 – 338.

Triandis, H. C. & Suh, E. M. (2002). Cultural influences on personality, *Annual Review Psychology*, 53, 133 – 160.

Wong, P. T. P., Wong, L. C. J. (2006). *Handbook of Multicultural Perspectives on Stress and Coping*. New York: Springer.

Zenevics, L., Moriguchi Y., Madureira U. S.V. (2013) A religiosidade no processo de viver envelhecendo *Revista Escola de Enfermagem USP*, 47(2): 433 -9.

ANEXO I



INSTITUTO DE PSICOLOGIA



CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Cara participante,

Você está colaborando com uma pesquisa cujo tema diz respeito à cultura e a respeito de como as pessoas enfrentam os problemas da vida pela religião. Sua participação consistirá no preenchimento de um questionário sobre esse tema. Suas informações são extremamente importantes para o sucesso da pesquisa. Você está ajudando a compor uma amostra da população cristã evangélica de mulheres da Grande São Paulo. Suas respostas farão parte de um banco de dados que permitirá mapear e conhecer mais sobre a influência da religiosidade na forma como as pessoas enfrentam os problemas.

A pesquisa, cujo título é **“Estudo comparativo do *coping* religioso em mulheres protestantes de origem chinesa taiwanesa e brasileira, na Grande São Paulo”**, está sendo desenvolvida sob a responsabilidade da psicóloga Mônica F. de Castro Huang, como parte das atividades do seu Mestrado em Psicologia Social no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), sob orientação do Prof. Dr. Wellington Zangari, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho desta mesma instituição

Os resultados desta pesquisa serão divulgados de tal forma que as pessoas que responderem às questões não serão identificadas, portanto **será mantido sigilo sobre a identidade dos(as) respondentes.**

Agradeço sua colaboração.

Mônica F. de Castro Huang

Aceite de Participação Voluntária

Declaro que fui informada dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em participar voluntariamente da mesma. Sei que a qualquer momento posso revogar este Aceite e desistir de minha participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaro, também, que não recebi ou receberei qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Assinatura

___/___/2013

Data

ANEXO II

PARTE I

Formulário geral

-Estado civil: casada () solteira () viúva () separada ()

-Idade_____ -Cidade em que mora_____

-Onde nasceu: - Brasil ()

- Taiwan (). Qual a idade quando chegou no Brasil_____

-Seu pai e mãe são de origem chinesa taiwanesa? Sim () Não ()

- Seus avós paternos e maternos são:

de origem chinesa taiwanesa () outra (), qual?_____.

- A que religião pertencia antes de chegar ao Brasil?

Cristã () outra (), qual?_____.

- Há quanto tempo é cristã?_____.

- Como conheceu o cristianismo?

Amigos taiwaneses () amigos brasileiros() pais ou familiares() outros()

-Em que língua você costuma ler a Bíblia? português () taiwanês ()

-Qual língua você usa para orar? português () taiwanês ()

-Você prefere ouvir mensagens bíblicas em que língua?

português () taiwanês ()

PARTE II

As perguntas a seguir são sobre aspectos culturais de sua vida. Por favor, indique abaixo a opção que melhor lhe descreve:

1. As pessoas que você visita e que visitam você são:

()	()	()	()	()
Todos taiwaneses	Mais taiwaneses do que brasileiros	Meio a meio	Mais brasileiros do que taiwaneses	Todos brasileiros

2. Você prefere ir para reuniões sociais/festas em que as pessoas são:

()	()	()	()	()
Todos taiwaneses	Mais taiwaneses do que brasileiros	Meio a meio	Mais taiwaneses do que chineses	Todos brasileiros

3. Seus amigos mais chegados são:

()	()	()	()	()
Todos taiwaneses	Mais taiwaneses do que brasileiros	Meio a meio	Mais brasileiros do que taiwaneses	Todos brasileiros

4. Se você tivesse escolha, você gostaria que os amigos de seus filhos fossem:

()	()	()	()	()
Todos taiwaneses	Mais taiwaneses do que brasileiros	Meio a meio	Mais brasileiros do que taiwaneses	Todos brasileiros

5. Se você fosse escolher a etnia de sua vizinhança você gostaria que fosse:

()	()	()	()	()
Todos taiwaneses	Mais taiwaneses do que brasileiros	Meio a meio	Mais brasileiros do que taiwaneses	Todos brasileiros

6. Em geral em que a língua que você costuma ler:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somente taiwanês	Mais taiwanês do que português	Meio a meio	Mais português do que taiwanês	Somente português

7. Em qual língua você normalmente pensa:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somente taiwanês	Mais taiwanês do que português	Meio a meio	Mais português do que taiwanês	Somente português

8. Que língua você normalmente usa com seus colegas de trabalho:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somente taiwaneses	Mais taiwaneses do que português	Meio a meio	Mais português do que taiwaneses	Somente Português

9. Que língua você normalmente usa com seus amigos:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somente taiwanês	Mais taiwanês do que português	Meio a meio	Mais português do que taiwanês	Somente português

10. Em que língua você conversa com seu marido:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somente taiwanês	Mais taiwanês do que português	Meio a meio	Mais português do que taiwanês	Somente português

11. Que língua você normalmente usa com seus filhos:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somente taiwanês	Mais taiwanês do que português	Meio a meio	Mais português do que taiwanês	Somente português

12. Que língua você normalmente usa com seus pais:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somente taiwanês	Mais taiwanês do que português	Meio a meio	Mais português do que taiwanês	Somente português

13. Em geral qual a língua você ouve os programas de rádio:

<input type="checkbox"/>				
Somente taiwanês	Mais taiwanês do que	Meio a meio	Mais português do	Somente português

português

que taiwanês

14. Em geral em que língua você assiste programas de TV:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somente em taiwanês	Mais taiwanês do que português	Meio a meio	Mais português do que taiwanês	Somente português

15. Em geral em que língua são os vídeos e programas que você assiste:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somente taiwanês	Mais taiwanês do que português	Meio a meio	Mais português do que taiwanês	Somente português

16. Em geral em qual língua você prefere assistir ou ouvir os filmes, TV, vídeos e programas de rádio e mensagens:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somente em taiwanês	Mais taiwanês do que português	Meio a meio	Mais português do que taiwanês	Somente português

17. Você prefere comer:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somente comida taiwanesa	Mais taiwanesa do que brasileira	Meio a meio	Mais brasileira do que taiwanesa	Somente brasileira

18. Como você se considera:

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Muito taiwanesa	Mais taiwanesa do que brasileira	Meio a meio	Mais brasileira do que taiwanesa	Muito brasileira

PARTE III

As frases a baixo descrevem atitudes que podem ser tomadas em situações de estress. Pensando nos momentos mais difíceis que você já enfrentou, circule o número que melhor

representa **o quanto VOCÊ fez ou não, o que está escrito em cada frase para lidar com a situação.**

Tentei dar sentido à situação através de Deus.

(1) Nem um pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

Se você **Não** tentou, **nem um pouco**, dar sentido à situação através de Deus, faça um círculo no número (1)

Se você tentou **um pouco** circule o (2)

Se você tentou **mais ou menos**, circule (3)

Se você tentou **bastante**, circule o (4)

Se você tentou **muitíssimo**, circule o (5)

Lembre-se: NÃO HÁ OPÇÃO CERTA OU ERRADA.

Marque só uma alternativa em cada questão.

Seja sincera nas suas respostas e não deixe nenhuma questão em branco!

1. Orei pelo bem estar de outros

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

2. Procurei amor e proteção de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

3. Não fiz muito, apenas esperei que Deus resolvesse meus problemas por mim

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

4. Procurei trabalhar pelo bem-estar social

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

5. Procurei ou realizei tratamentos espirituais

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

6. Procurei em Deus força, apoio e orientação

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

7. Senti insatisfação com os líderes religiosos da minha igreja

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

8. Pedi a Deus que me ajudasse a encontrar um novo propósito na vida

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

9. Imaginei se Deus permitiu que isso me acontecesse por causa dos meus erros

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

10. Realizei longas orações, jejuns.

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

11. Tive dificuldades para receber conforto de minhas crenças religiosas

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

12. Fiz o melhor que pude e entreguei a situação para Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

13. Convenci-me que forças do mal atuaram para tudo isso acontecer

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

14. Pratiquei atos de caridade moral e/ou material (boas ações)

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

15. Procurei me aconselhar com meu pastor

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

16. Voltei-me a Deus para encontrar uma nova direção de vida

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

17. Tentei lidar com meus sentimentos sem pedir a ajuda de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

18. Tentei proporcionar conforto espiritual a outras pessoas

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

19. Fiquei imaginando se Deus tinha me abandonado

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

20. Pedi para Deus me ajudar a ser melhor e errar menos

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

21. Pensei que o acontecido poderia me aproximar mais de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

22. Não tentei lidar com a situação, apenas esperei que Deus levasse minhas preocupações embora

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

23. Senti que o mal estava tentando me afastar de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

24. Entreguei a situação para Deus depois de fazer tudo que podia

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

25. Orei para descobrir o objetivo de minha vida

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

26. Fui a cultos

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

27. Busquei proteção e orientação de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

28. Imaginei se minha igreja tinha me abandonado

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

29. Procurei por um total re-despertar espiritual

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

30. Confiei que Deus estava comigo

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

31. Comprei livros ou assinei revistas que falavam sobre Deus e questões espirituais

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

32. Pensei que Deus não existia

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

33. Questionei se até Deus tem limites

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

34. Busquei ajuda ou conforto na Bíblia

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

35. Pedi perdão pelos meus erros

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

36. Particpei de sessões de cura espiritual

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

37. Questionei se Deus realmente se importava

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

38. Tentei fazer o melhor que podia e deixei Deus fazer o resto

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

39. Envolvi-me voluntariamente em atividades pelo bem do próximo

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

40. Ouvi e/ou cantei louvores

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

41. Sabia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

42. Recebi ajuda através de orações com imposição de mãos.

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

43. Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

44. Senti que meu grupo religioso parecia estar me rejeitando ou me ignorando

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

45. Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

46. Procurei auxílio na Bíblia

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

47. Tentei mudar meu caminho de vida e seguir um novo: o caminho de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

48. Culpei Deus pela situação, por ter deixado acontecer

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

49. Refleti se não estava indo contra as leis de Deus e tentei modificar minha atitude

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

OBRIGADA POR PARTICIPAR!

ANEXO III

PARTE I

Formulário geral

- Estado civil: casada() solteira() viúva() separada()

- Nacionalidade: - brasileira () outra ()

- Idade_____

- Seu pai e mãe são brasileiros? Sim() Não()

- Seus avós paternos e maternos são:

brasileiros() outra origem(), qual?_____.

- Há quanto tempo é cristã?_____.

- Se tornou cristã através de:

Amigos () pais() parente próximo() nasceu em família cristã ()

PARTE II

As frases a baixo descrevem atitudes que podem ser tomadas em situações de estress. Pensando nos momentos mais difíceis que você já enfrentou, circule o número que melhor representa **o quanto VOCÊ fez ou não, o que está escrito em cada frase para lidar com a situação.**

Tentei dar sentido à situação através de Deus.

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

Se você **Não** tentou, **nem um pouco**, dar sentido à situação através de Deus, faça um circulo no número (1)

Se você tentou **um pouco** circule o (2)

Se você tentou **mais ou menos**, circule (3)

Se você tentou **bastante**, circule o (4)

Se você tentou **muitíssimo**, circule o (5)

Lembre-se: NÃO HÁ OPÇÃO CERTA OU ERRADA.

Marque só uma alternativa em cada questão. Seja sincera nas suas respostas e não deixe nenhuma questão em branco!

1.Orei pelo bem estar de outros

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

2.Procurei amor e proteção de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

3.Não fiz muito, apenas esperei que Deus resolvesse meus problemas por mim

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

4.Procurei trabalhar pelo bem-estar social

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

5.Procurei ou realizei tratamentos espirituais

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

6.Procurei em Deus força, apoio e orientação

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

7.Senti insatisfação com os líderes religiosos da minha igreja

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

8.Pedi a Deus que me ajudasse a encontrar um novo propósito na vida

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

9.Imaginei se Deus permitiu que isso me acontecesse por causa dos meus erros

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

10.Realizei longas orações, jejuos

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

11.Tive dificuldades para receber conforto de minhas crenças religiosas

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

12.Fiz o melhor que pude e entreguei a situação para Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

13.Convenci-me que forças do mal atuaram para tudo isso acontecer

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

14.Pratiquei atos de caridade moral e/ou material (boas ações

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

15.Procurei me aconselhar com meu pastor

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

16.Voltei-me a Deus para encontrar uma nova direção de vida

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

17.Tentei lidar com meus sentimentos sem pedir a ajuda de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

18.Tentei proporcionar conforto espiritual a outras pessoas

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

19.Fiquei imaginando se Deus tinha me abandonado

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

20. Pedi para Deus me ajudar a ser melhor e errar menos

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

21. Pensei que o acontecido poderia me aproximar mais de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

22. Não tentei lidar com a situação, apenas esperei que Deus levasse minhas preocupações embora

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

23. Senti que o mal estava tentando me afastar de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

24. Entreguei a situação para Deus depois de fazer tudo que podia

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

25. Orei para descobrir o objetivo de minha vida

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

26. Fui a cultos

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

27. Busquei proteção e orientação de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

28. Imaginei se minha igreja tinha me abandonado

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

29. Procurei por um total re-despertar espiritual

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

30.Confiei que Deus estava comigo

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

31.Comprei livros ou assinei revistas que falavam sobre Deus e questões espirituais

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

32.Pensei que Deus não existia

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

33.Questionei se até Deus tem limites

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

34.Busquei ajuda ou conforto na Bíblia

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

35.Pedi perdão pelos meus erros

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

36.Participei de sessões de cura espiritual

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

37.Questionei se Deus realmente se importava

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

38.Tentei fazer o melhor que podia e deixei Deus fazer o resto

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

39.Envolvi-me voluntariamente em atividades pelo bem do próximo

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

40.Ouvi e/ou cantei louvores

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

41.Sabia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

42.Recebi ajuda através de orações com imposição de mãos.

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

43.Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

44.Senti que meu grupo religioso parecia estar me rejeitando ou me ignorando

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

45.Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

46.Procurei auxílio na Bíblia

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

47.Tentei mudar meu caminho de vida e seguir um novo: o caminho de Deus

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

48.Culpei Deus pela situação, por ter deixado acontecer

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

49.Refleti se não estava indo contra as leis de Deus e tentei modificar minha atitude

(1) nenhum pouco (2) um pouco (3) mais ou menos (4) bastante (5) muitíssimo

OBRIGADA POR PARTICIPAR